

essas coisas aconteciam o tempo todo na Nigéria. A batalha espiritual é feroz aqui”. Ele tinha várias coisas a dizer sobre como lutar, enfatizando repetidamente o fato de que “você deve sempre proferir o nome de Jesus”.

O irmão nigeriano havia entrado no grupo para aprender, mas sua cultura dera-lhe experiência para aquela situação. O grupo aprendeu como lidar com o ataque espiritual. Os fazedores de tendas devem ser humildes e estar dispostos a aprender com os outros nas culturas onde os cristãos têm de lidar com batalha espiritual aberta, além da experiência dos fazedores de tendas.

► 10. *Quais são as armas da batalha espiritual e como são usadas?*

REVESTINDO-SE DA ARMADURA DE DEUS

Em Efésios 6.10-18, Paulo incentiva os cristãos a se revestirem “de toda a armadura de Deus”. Ele prossegue descrevendo as diferentes partes da armadura que devem ser incluídas, de modo que os cristãos estejam plenamente equipados para se envolver na batalha espiritual — assim como os soldados romanos eram completamente protegidos por sua armadura e preparados para lutar.

Há três pontos importantes a notar aqui. Primeiro, a armadura de Deus não cai simplesmente sobre os indivíduos quando eles se tornam cristãos. Antes, a armadura de Deus é algo de que nos “revestimos” através das disciplinas da vida cristã. “Façam isso”, Paulo está dizendo. “Isso não vai acontecer espontaneamente com você”. O segundo ponto é, gostemos ou não, como cristãos somos participantes ativos de uma batalha. A questão não é se lutamos ou não, mas se nos revestimos da armadura de Deus ou não. A batalha vai acontecer mesmo que não estejamos preparados. Paulo não nos ordena que nos sentemos, mas que coloquemos a armadura de Deus e permaneçamos em pé, permane-

A escolha não é se lutamos ou não, mas se nos revestimos da armadura de Deus ou não.

camos em pé, permaneçamos em pé! Se não fizermos essas coisas, nós seremos feridos, porque os dardos inflamados do diabo estão apontados para nós!

Finalmente, a oração é a mais estratégica das armas espirituais. Em Efésios 6.18, Paulo termina a seção sobre batalha espiritual encorajando os cristãos que iriam receber sua carta: “com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos”.

► 11. *De que maneira a oração pode ser usada como arma estratégica na batalha espiritual?*

É fácil os fazedores de tendas caírem na armadilha do seguinte pensamento: “O que estou fazendo aqui? Com certeza, se as circunstâncias fossem outras, eu poderia estar *fazendo* mais”. De fato, na maioria das vezes não são as atividades físicas que os fazedores de tendas realizam que contam na batalha espiritual. O trabalho mais eficaz dos fazedores de tendas é revestir-se da armadura de Deus e usar a oração como sua arma principal. Deus escolheu atuar neste mundo por meio das orações dos santos. Todos os cristãos são chamados a se envolver na oração. Além de orarem eles mesmos, os fazedores de tendas também têm oportunidades de compartilhar pedidos de oração com outros crentes e, assim, incentivar outros a se envolverem com eles neste empreendimento vitalmente estratégico.

► RESUMO

Os fazedores de tendas podem ser sobrecarregados por uma sensação de futilidade quanto ao que estão fazendo. Isso talvez se aplique a indivíduos que não são membros de uma equipe que compartilha uma visão mais ampla do que Deus está fazendo no país. Fazer parte de uma equipe é uma maneira importante de obter uma sensação de pertencer a

algo muito maior do que você mesmo. Os membros da equipe podem encorajar uns aos outros e proporcionar uma estrutura de prestação de contas no campo.

Os fazedores de tendas são contados entre as fileiras dos guerreiros de Cristo que estão na linha de frente da batalha espiritual. Sendo a demonstração de amor aos outros crentes vital para a eficiência do testemunho cristão, Satanás tenta romper esse relacionamento e diminuir a eficiência das equipes missionárias. Esta área vulnerável é muitas vezes esquecida durante a preparação do fazedor de tendas. Os fazedores de tendas precisam ser preparados para impedir os ataques de Satanás.

Além de se defenderem contra os ataques do inimigo, os fazedores de tendas são chamados a se colocar na ofensiva. Isso pode levá-los para fora da esfera de sua própria experiência. As manifestações de Satanás e de seus demônios variam no mundo todo, e a atividade satânica é mais evidente em alguns lugares do que em outros. Os fazedores de tendas devem estar dispostos a aprender sobre batalha espiritual com os outros que têm mais experiência. Devem estar preparados na mente e no coração. Devem se revestir da armadura de Deus. Também devem utilizar a mais estratégica das armas missionárias — a oração.

►TAREFA DO PLANO DE AÇÃO

- *Que opções estão à sua disposição como fazedor de tendas para se juntar a outros antes de ir para o campo? Analise as possibilidades de trabalhar com agências missionárias ou com os que já estão servindo em sua área-alvo. Ore e trabalhe para estabelecer algum tipo de relacionamento com essas pessoas. Inicie a comunicação com eles o mais breve possível.*
- *Como você lida com os conflitos? Você os identifica e lida com eles rapidamente? Você prefere evitá-los? Você esconde suas discordâncias em público, mas leva ressentimento consigo e envenena os outros com seus sentimentos em particular? Lidar com conflitos não é exclusivamente*

uma questão de personalidade. Há habilidades e atitudes desenvolvidas somente por meio da graça de Deus e do exercício conscienté. A Bíblia apresenta algumas diretrizes para a confrontação de irmãos e irmãs. Devemos nos aproximar deles em amor e estar prontos a perdoar, porque o amor cobre uma multidão de pecados (1 Pe 4.8). Mateus 5.21-24 e 18.15-17 apresentam os procedimentos para resolver conflitos. Medite nessas passagens e escreva um pacto de relacionamento que você vai tentar manter. Se você participa de uma equipe, discuta essa questão e faça um pacto com os outros membros da equipe. Depois comece a praticar o que você escreveu.

- *Efésios 6 contém a conhecida passagem da “armadura de Deus”, da qual devemos nos revestir para ficar firmes. As armas cristãs, contudo, não são estritamente defensivas. Paulo declara com confiança: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas” (2 Co 10.4). Essas fortalezas são os sistemas de escravidão espiritual que subjagam segmentos importantes da humanidade. Por meio de oração, jejum e uso do poderoso nome de Jesus e manejo habilidoso da Espada do Espírito, os cristãos são chamados à ofensiva. A batalha requer habilidades que devem ser desenvolvidas e cultivadas. Se você não está bem nesta área, estude os exemplos de Cristo e dos apóstolos, como eles lidaram com as manifestações explícitas do poder demoníaco. Por meio de conversas, literatura ou seminários, recorra aos que têm experiência em batalha espiritual. Planeje desenvolver sensibilidade e habilidade nesta área.*

O DESAFIO DE OUTRA CULTURA

Conta-se a história de um jovem evangelista americano que visitou o Japão. Uma série de reuniões foi marcada para ele, que, com um intérprete, pregou seu primeiro sermão com grande entusiasmo e expectativa. Quando pediu aos que queriam aceitar Jesus que levantassem a mão, ele ficou impressionado quando quase todos levantaram a mão naquele auditório! Cidade após cidade, o evangelista obteve a mesma resposta. Baseado em seu tremendo sucesso, ele decidiu mudar-se para o Japão para continuar essa grande colheita. Foi apenas depois de passar por muitas dificuldades e de ter despesas com a mudança que ele ficou sabendo que seus ouvintes japoneses estavam respondendo educadamente aos seus convites, mas não em arrependimento e fé.

Compreender a cultura receptora é muito importante para o ministério bem-sucedido. Também é a chave para a adaptação bem-sucedida a um local estrangeiro. O aprendizado da cultura pode começar

muito tempo antes de alguém chegar ao local. A antropologia cultural é o estudo das culturas e se dedica a analisar os componentes de culturas específicas, utilizando aquilo que se conhece como ferramentas *etnográficas*. A partir desses estudos, obtém-se uma compreensão geral de como as culturas funcionam. No artigo seguinte, Elizabeth Goldsmith descreve em linhas gerais o significado da cultura e indica alguns recursos de informação que podemos buscar para sabermos um pouco mais sobre o povo em vista.

► COMPREENDENDO A CULTURA

Elizabeth Goldsmith*

“Como você se saiu com sua classe de estudo bíblico de manhã?”, meu marido perguntou a um dos obreiros recém-chegados. Ele e Bernard estavam batendo papo durante o almoço, enquanto o ventilador de teto tentava dissipar o forte calor tropical de Cingapura.

“Oh, eles são um grupo simpático” respondeu Bernard, “todos são cristãos ferreiros e falam inglês fluentemente, o que é maravilhoso!” Depois franziu ligeiramente a testa. “Mas eu não consegui que eles me dissessem o que queriam estudar. Eu comecei pedindo-lhes que escolhessem o que deveríamos observar... Eu não sabia o que eles já haviam estudado. Mas ninguém dizia. Eu tentei várias vezes. Para encorajá-los, eu lhes disse que tinha algumas sugestões escritas, mas eu queria que eles dissessem primeiro.” “Então, você não conseguiu discutir nada com eles, hein!” disse Martin sorrindo. “Eu vou lhe contar o que estava acontecendo. Eles o vêem como professor; portanto eles são tão bem-educados que não falam precipitadamente. Na Ásia, você tem de falar várias vezes e demonstrar realmente o que quer dizer antes que alguém responda. Quando você

Se realmente queremos transmitir a mensagem de Jesus Cristo de forma eficaz no país em que esperamos trabalhar, precisamos tirar tempo e nos dar ao trabalho de aprender sobre a nova cultura.

disse que já tinha uma lista, isso confirmou a questão! Eles o viram como alguém educado, mas que obviamente já havia decidido o que queria fazer.

Como nos identificamos com Bernard! Muitas vezes meu marido e eu havíamos cometido erros semelhantes em nossos primeiros anos na Ásia. É tão fácil imaginar que as outras pessoas reagem, pensam e decidem exatamente da mesma maneira que *nós*. Somente quando vivemos em outra cultura e nos relacionamos com seu povo é que começamos a perceber como as coisas se revelam tão diferentes do nosso ponto de vista.

Alguns anos atrás, alguém novo em Cingapura estava distribuindo folhetos num mercado malaio. Com apenas dois meses de estudo da língua, ele ainda não sabia dizer muita coisa. Mas desejava ser útil. Então leu por acaso num livro sobre a cultura malaia que ele devia usar apenas sua mão direita. A mão esquerda era usada apenas na toalete. Sem pensar muito sobre o conselho, na semana seguinte ele deixou de usar sua mão esquerda, como estava acostumado, para distribuir folhetos com a mão direita. Um homem malaio distinto aproximou-se dele, apurou-se e disse arrogantemente em um inglês perfeito: “Eu estou contente em ver que você aprendeu boas maneiras!” e retirou-se irritado. Horrorizado, o cristão percebeu que ter usado a mão esquerda tinha sido o mesmo que dizer: “Estes folhetos são desprezíveis e sujos!” ... embora embora suas intenções fossem as melhores!

Se realmente queremos transmitir a mensagem de Jesus Cristo de forma eficaz no país em que esperamos trabalhar, precisamos tirar tempo e nos dar ao trabalho de aprender sobre a nova cultura. As pessoas não vão compreender automaticamente nem mesmo as nossas melhores intenções. Precisamos nos colocar na pele delas e ver as coisas de sua perspectiva.

► 1. *Por que Bernard teria sido mais eficiente se conhecesse a cultura?*

MODELOS BÍBLICOS

Você já pensou que Jesus se integrou à cultura quando veio nos falar das boas novas do reino? Como o eterno Filho de Deus, sua maneira de pensar e modo de fazer as coisas eram muito diferentes dos nossos. Ele não veio vestido em traje espacial celestial, com uma máscara de oxigênio ligando-o ao ar puro do sobrenatural. Também não tinha fones de ouvido para receber mensagens diretas de Deus, as quais poderia então transmitir sem ter contato com as influências deste mundo. Para se relacionar diretamente, Jesus não apenas tornou-se um ser humano, mas também se adaptou totalmente à cultura judaica do primeiro século. No modo de vestir-se, na aparência e no comportamento, ele identificou-se plenamente com o povo local. Seu estilo de ensinar era o mesmo dos rabinos contemporâneos, com seu uso de formas *hagádicas* de contar histórias e com a *halacha* mais concreto e legal. Jesus era relevante às discussões judaicas como: “Deus trabalha no sábado? Se ele parasse, todo o universo não entraria em colapso?”. Ele sabia que a única maneira de tornar sua mensagem claramente compreendida e relevante era empregar todos os vários aspectos da cultura do povo a que fora enviado.

Jesus sabia que a única maneira de tornar sua mensagem claramente compreendida e relevante era empregar todos os vários aspectos da cultura do povo a que fora enviado.

É interessante que na narrativa das viagens missionárias dos apóstolos em *Atos*, os dois lugares onde Paulo foi completamente mal-interpretado, foi onde ele estava tentando romper as barreiras transculturais. Em Listra, ele e Barnabé foram tomados por deuses (At 14.8-13). Em Atenas, os gregos pensaram que Paulo estava falando de novos deuses, pois falava de Jesus e da ressurreição (At 17.18). Paulo pensou que estava falando claramente, mas seus ouvintes entenderam algo muito diferente.

► 2. De que forma Cristo ofereceu um modelo de identificação com sua cultura receptora?

O SIGNIFICADO DE CULTURA

O que é exatamente *cultura* e como podemos começar a compreendê-la? A cultura de qualquer sociedade é todo o conjunto de elementos que compõem o modo de vida de um povo — seu modo de ver as coisas, os costumes que seguem e os valores e idéias por trás de suas ações. O Grupo de Trabalho de Lausanne deu uma boa definição que pode nos ajudar a compreender a cultura mais claramente:

Cultura é um sistema integrado de:

- crenças (sobre Deus, realidade, etc.);
- costumes (como se comportam, como se relacionam com os outros, como falam, oram, se vestem, etc.);
- valores (o que é verdadeiro, bom, etc.); e de
- instituições que expressam essas crenças, valores e costumes que mantêm uma sociedade unida e dão um senso de identidade, dignidade, segurança e continuidade.

Seria bom estudar cada um desses aspectos separadamente.

CRENÇAS

As crenças subjacentes de um povo influenciam seus objetivos na vida. Por exemplo, durante séculos a cultura ocidental nunca considerou a possibilidade de o mundo ser alguma coisa menos que tangível e real. A filosofia hindu tradicional, por outro lado, afirma que há apenas uma realidade suprema chamada *Brahma*. Tudo mais é ilusão, chamada *maia*. Portanto, os indianos, profundamente religiosos, passam muitas horas em meditação. Os ocidentais ativistas querem explorar e experimentar e

se dedicam à tecnologia e a outras invenções que aumentam sua capacidade de controlar o mundo material.

Semelhantemente, um hindu que aceita a reencarnação como verdadeira tem uma compreensão diferente de um ocidental diante da pergunta: “Você já nasceu de novo?”. — “Todos nascem de novo centenas de vezes!” seria a reação do hindu. “O que eu quero é escapar do ciclo de nascimento e renascimento! Você não pode me oferecer alguma coisa nova?”.

Alguns anos atrás, houve uma grande conferência para líderes cristãos de todo o mundo na Tailândia. Um dos delegados sentiu-se incomodado à primeira vista com monges budistas com a cabeça rapada e mantos alaranjados. Passando por um templo ornamentado, ele parou de repente e gritou: “Jesus é o Senhor!”. Este é um sentimento com que todos poderíamos nos identificar. De fato, este é o coração de nossa fé, e, nos primeiros séculos, essa exclamação era usada como pedra de toque para provar o compromisso genuíno com Cristo. Mas o que as ações daquele homem representavam para os monges budistas que entravam no templo?

“Você já nasceu de novo?” — “Todos nascem de novo centenas de vezes!” seria a reação do hindu.

Antes de tudo, os tailandeses falam em voz baixa, e gritar é considerado extremamente indelicado. Os monges budistas devem ter-se perguntado por que aquele estrangeiro estava se comportando tão indelicadamente. Felizmente poucos deles entendiam inglês, e assim deram pouca atenção ao homem. Se as pessoas tivessem entendido, a mensagem teria sido ofensiva. “Senhor” é o título que os budistas dão a Buda: estaria o estrangeiro colocando Jesus na mesma posição de Buda? Quem é esse Jesus? Eles não sabiam. Ele não poderia ser igual a Buda, uma vez que Buda havia percebido que tudo o que existe é ilusão. Buda sabia que o que parecia existir, não existia realmente. Jesus não podia ter sido iluminado como Buda, porque o estrangeiro gritara que “Jesus é ...”

Vemos que a falta de conhecimento das crenças da religião dos tailandeses levou a uma comunicação totalmente confusa numa situação transcultural.

► 3. Por que a declaração “Jesus é o Senhor” é uma aparente contradição para um monge budista? Pela informação dada, como seria possível expressar o senhorio de Cristo a um budista?

VALORES

Quanto mais começamos a entender as pessoas de outra formação, mais vemos que seus valores subjacentes podem ser muito diferentes dos nossos. A diferença pode-se revelar em pequenas coisas, como o que é considerado bonito. Muitos homens africanos preferem se casar com moças robustas: um corpo mais gordo é considerado bonito, e a moça, provavelmente, poderá trabalhar melhor nos campos e gerar muitos filhos para seu marido. Em contraste, no ocidente uma forma esguia é mais admirada.

Eu achei graça quando perguntei ao presbítero de uma igreja dinâmica no norte de Sumatra o que o havia atraído ao cristianismo. “Meu melhor amigo era muito gordo”, ele respondeu, “eu queria ser gordo e satisfeito como ele. Ele era cristão, então eu me tornei cristão também!”.

Como outro exemplo de valores, o grupo étnico com que trabalhávamos tinha uma idéia completamente diferente da nossa em relação ao que eram pecados “maiores” e pecados “menores”. Minha formação enfatizava que a violência e o ataque físico estavam fora de cogitação para um cristão, mesmo que alguém estivesse com fome. Por outro lado, transmitir uma fofoca, especialmente se introduzida com: “Nós devemos orar por isso-isso-isso”, poderia ser muito normal. Contudo, os bataks desprezavam qualquer coisa clandestina, enganosa ou feita pelas costas de alguém; mas desferir um soco no nariz de alguém não era grande coisa.

No primeiro fim de semana que meu marido passou em Sumatra, surgiu uma briga durante o culto numa grande igreja, com dois ministros tentando assumir o controle do púlpito!

**Quanto mais
começamos a
entender as pessoas
de outra formação,
mais vemos que seus
valores subjacentes
podem ser muito
diferentes dos
nossos.**

A violência se espalhou envolvendo muitos na congregação, de modo que a polícia teve de ser chamada. Depois que um ministro foi empossado à força e o outro foi expulso, o que nos impressionou foi que várias pessoas se converteram com o sermão que se seguiu! Será que nossas idéias de pecados “grandes” e pecados “pequenos” estavam erradas e que o Espírito Santo, às vezes, usa as pessoas, apesar de todas as suas fraquezas?

► 4. *Por que os valores do fazedor-de-tendas podem interferir na comunicação da verdade bíblica?*

COSTUMES

Qualquer pessoa razoavelmente alerta que chegue a um novo país vai ver imediatamente que muitos costumes locais são diferentes dos de seu país. Por exemplo, como você cumprimenta as pessoas? Você se inclina? Se sim, quanto você deve se inclinar? A inclinação difere de acordo com seu relacionamento com a outra pessoa? Ou você dá um aperto de mão? Você tem liberdade para cumprimentar assim tanto homens como mulheres? Como você aperta a mão das pessoas? É com um firme aperto de mão ou um leve toque? O que você faz com a outra mão? Ou é costume abraçar carinhosamente ou até mesmo beijar na boca, como é feito entre homens na Rússia? As combinações são intermináveis e se você não se comportar adequadamente, parecerá grosseiro.

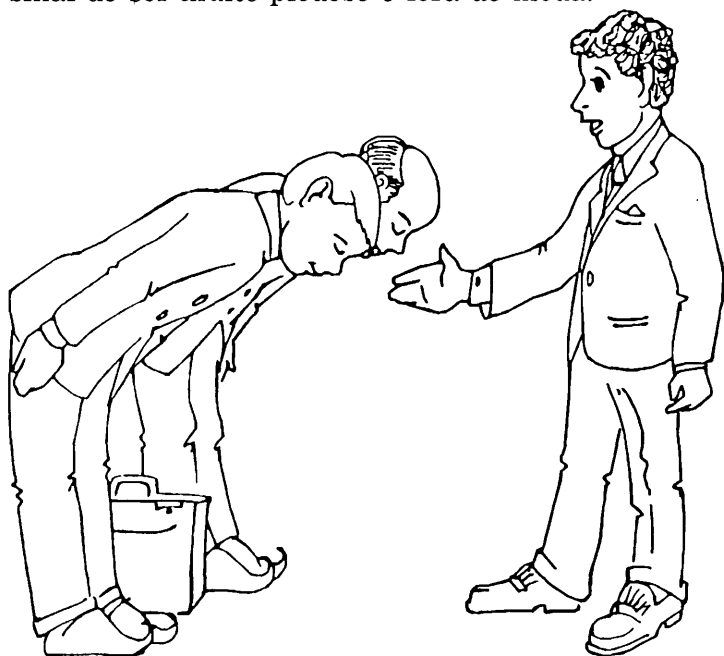
Adaptar-se às maneiras do povo local pode de fato recomendar o evangelho. Um fazendeiro chinês disse certa vez ao meu pai que ele havia sido atraído a Cristo pela primeira vez porque quando entrou como paciente no hospital da missão, meu pai (o médico encarregado), havia-se levantado e muito educadamente havia-se inclinado para cumprimentá-lo.

A maioria das culturas tem convenções quanto ao vestir e quanto ao que é decente. Alguns grupos étnicos se sentem ofendidos pela minissaia e consideram sexualmente provocante o fato de uma mulher

usar roupas acima do tornozelo. Lembro-me de que, quando menina em Hong Kong, reparava no colarinho alto e engomado das mulheres. Era-me dito que era indecente para uma mulher chinesa mostrar os ombros. Ao mesmo tempo, eu ficava desconcertada pela abertura das saias, quase do mesmo comprimento da coxa. Aparentemente, sua idéia de decoro era diferente daquela com que eu havia sido criada.

**Adaptar-se às
maneiras do povo
local pode, de fato,
recomendar o
evangelho.**

Quinze anos depois, quando fui morar no norte de Sumatra, tive de deixar meus cabelos crescerem. Para uma mulher, cabelo curto era considerado muito impróprio. As moças usam seus cabelos compridos e soltos, geralmente abaixo da linha da cintura. Todavia, uma mulher casada deve prender seus cabelos e não deve mostrar nenhuma ponta deles. Felizmente meus cabelos curtos cresceram rapidamente e pude prender as pontas dos cabelos quando cheguei lá. Uma jovem senhora alemã, que chegou com o marido algum tempo depois de nós, recusou-se a deixar os cabelos crescerem. Na Alemanha daquela época, o cabelo curto era sinal de ser muito piedoso e fora de moda.



Eu me lembro de um almoço muito embaraçoso ao qual fomos a convite de um líder da igreja. Fomos nós, quatro missionários, e vários líderes da igreja. Nosso anfitrião nos contou solenemente como havia sido chocante nos dias passados: uma missionária casada havia mantido seus cabelos curtos! Infelizmente, a senhora alemã nunca entendeu a indireta. Aparentemente ela só conseguia ver as questões sob seu próprio ponto de vista. Sua atitude a levou a relacionamentos muito difíceis.

► *5. Por que desconsiderar os costumes pode impedir o testemunho do fazedor-de-tendas?*

Às vezes, somos tentados a sentir que as convenções locais são muito restritivas. Com certeza as pessoas entendem que nós somos estrangeiros e que seguimos costumes diferentes! Nós até poderíamos sentir que se mudamos, estamos sendo desonestos com nós mesmos e não autênticos: “Eles devem nos aceitar como somos, com casca e tudo!”. Mas isso não estaria dando a entender que nossa cultura é superior e deve ser mantida a qualquer custo? Analisada honestamente, essa atitude procede de uma sensação de orgulho. No fundo, estamos dizendo: “Meu modo de fazer as coisas é melhor. Eu não me importo como você vê o mundo”.

Nenhuma cultura tem o monopólio de como se deve proceder e fazer coisas. Cada uma tem pontos fortes e fraquezas. Cada uma olha as situações de sua própria perspectiva. Eu estava conversando com um amigo que havia trabalhado para uma firma japonesa na Inglaterra durante alguns anos. Ele achava seu trabalho muito difícil até que assimilou o método japonês de fazer as coisas. Em seu planejamento global, os japoneses pareciam trabalhar a partir dos detalhes da tarefa de cada pessoa para então montar o quadro todo. Meu

Nenhuma cultura tem o monopólio de como se deve proceder e fazer coisas. Cada uma tem pontos fortes e fraquezas. Cada uma olha as situações de sua própria perspectiva.

amigo estava acostumado a estabelecer alvos de longo prazo e estratégias básicas e depois planejar os detalhes. Ele me contou que quase foi despedido por trocar dois valores numa longa prestação de contas. Geralmente ele não errava nessas coisas, mas achava que ainda eram meros detalhes. Contudo, seu chefe japonês era da seguinte opinião: “Se você não acerta os detalhes, como pode ser confiável quanto ao todo?”. O incidente envolvia duas maneiras completamente diferentes de olhar uma questão, mas nenhuma era “certa” ou “errada”.

► 6. *As perspectivas culturais podem ser “erradas”? Por qual padrão devemos julgar as práticas culturais questionáveis?*

INSTITUIÇÕES

Por causa das diferenças culturais subjacentes, descobrimos que as instituições e seu modo de trabalhar variam de país para país. Para poder trabalhar calma e eficientemente em seu país receptor, você vai precisar compreender os canais de comunicação que precisa consultar quando as coisas saírem erradas e quem tem autoridade para agir em qualquer situação.

Os procedimentos para tomar uma decisão podem ser muito diferentes daqueles com os quais você está acostumado. Eles podem precisar ser precedidos de muitas perguntas amáveis sobre a saúde dos membros da família antes de começar os “negócios”. Algumas sociedades tomam decisões por consenso, após longas e detalhadas discussões, durante as quais todos têm o direito de expressar uma opinião. (Como ocidental, eu tinha de me obrigar a ficar sentada pacientemente durante horas por algo que eu achava ser um debate tedioso no norte de Sumatra.) Outras sociedades funcionam por uma hierarquia de autoridade. Apenas a pessoa do topo pode dizer

**Para poder
trabalhar calma e
eficientemente em
seu país receptor,
você vai precisar
compreender
os canais de
comunicação.**

o que deve acontecer. Essa hierarquia muitas vezes está ligada ao fato de ser mais velho, de modo que uma pessoa mais nova deve sempre se submeter. No verão passado num país asiático, mencionamos casualmente que éramos mais velhos do que o diretor da faculdade All Nations Christian College, em Herts, na Inglaterra, onde trabalhávamos. Nosso amigo nos olhou chocado: “Qual é o problema?”, perguntamos. “Isto não pode acontecer em seu país?” “Oh, não,” veio a resposta. “Você não poderia nomear uma pessoa mais nova como diretor... e se acontecesse, ele seria forçado a renunciar!”

Também é muito importante compreender a família e as relações de parentesco no novo país. Essas relações podem ser muito complexas, quando os relacionamentos da família são preservados e envolvem muitas obrigações e deveres. Toda a família pode ter-se unido para pagar para o filho mais inteligente estudar medicina ou advocacia. Isso é uma forma de investimento, porque uma vez que esses filhos se formam, o salário não será inteiramente deles, mas deverá ser aplicado para o bem de todos.

Muitas vezes ficávamos intrigados, andando de ônibus na região de Karo-Batak, ouvindo a conversa entre dois estranhos. Eles perguntavam um ao outro de onde vinham e os nomes dos parentes, traçando a genealogia cada vez mais distante, até que finalmente encontravam o vínculo de parentesco entre eles. Então um era estabelecido como *kalimbutu* (o parente mais velho) e outro como *anak беру* (o parente mais novo). Um *kalimbutu* tinha direitos sobre o *anak беру*. Ele podia tomar emprestados os pertences do parente mais novo e fazer uso de sua casa. Nossos amigos cristãos usavam freqüentemente esse fato para iniciar a evangelização em alguma cidadezinha: encontravam um *anak беру*, que com muita disposição abria sua casa para as reuniões.

► 7. Por que é importante que os fazedores-de-tendas compreendam as instituições da cultura receptora e seu modo de fazer as coisas?

Examinando cuidadosamente a breve descrição das culturas acima e como elas afetam cada aspecto da vida de qualquer sociedade, podemos ver por que o relatório do Grupo de Trabalho de Lausanne termina com esta declaração: “A cultura... mantém uma sociedade unida e dá um senso de identidade, dignidade, segurança e continuidade”. Conhecer a cultura de uma sociedade ajuda o recém-chegado a sentir-se em casa, compreender o que está acontecendo e, até certo ponto, prever os resultados dos eventos.

**A cultura mantém
uma sociedade
unida e dá um
senso de identidade,
dignidade,
segurança e
continuidade.**

Deixar de separar tempo e cuidado para aprender sobre a cultura pode resultar em erros desastrosos, não apenas criando embarços, mas também trazendo descrédito ao nome de Cristo.

Um cristão ocidental que conhecemos na Malásia estava confuso porque nunca era solicitado para falar em nenhuma reunião da igreja local. Ele freqüentava regularmente a igreja, contribuía generosamente e participava das reuniões de oração. Meu marido conhecia bem esses líderes e um dia pôde perguntar, discretamente, sobre a situação.

“Nós nunca pedimos a não-cristãos que falem”, eles protestaram. “Mas ele é cristão! Ele realmente ama o Senhor!”, insistiu meu marido.

“Como ele pode ser cristão, se nunca menciona Deus em suas aulas? Ele ensina ciências, não é? E toda ciência vem de Deus! Por que ele nunca diz isso?”

Aquele irmão estava levando sua cosmovisão ocidental para dentro de sua sala de aula e, assim, separando a vida entre o “religioso” e o “secular”. Mas os malaios não pensam assim. E eu poderia acrescentar: nem a *Bíblia*!

► 8. Como a compreensão da cosmovisão da cultura receptora pode ajudar os fazedores-de-tendas a obter uma perspectiva bíblica mais correta?

DESCOBRINDO OUTRAS CULTURAS

Então como podemos adquirir conhecimento sobre outras culturas? Onde podemos encontrar conselho e discernimento antes de partir para o novo país?

SOCIEDADES MISSIONÁRIAS

Na maioria dos países há missionários trabalhando e muitas sociedades missionárias têm o maior cuidado em pesquisar a situação local. Muitas de suas descobertas são anotadas em folhetos fáceis de ler, como também em livros e jornais mais detalhados. Descubra que sociedades missionárias trabalham em seu novo país e escreva-lhes pedindo orientação. Você poderá obter uma lista de agências e sociedades missionárias, escrevendo para o endereço abaixo:

Caixa Postal 7540

01064-970 - São Paulo-SP

Pela *Internet*, acesse a seguinte página:

<http://www.infobrasil.org>

Assinar uma revista missionária também lhe dará uma base de informação sobre as pessoas, seus costumes e sua história e o, mais importante, sobre suas crenças religiosas. Escrever a um missionário que já esteja trabalhando no país também pode ser uma grande ajuda. Com certeza o missionário poderá responder a muitas de suas perguntas.

Antes de partir, é muito importante obter informações sobre a igreja do país-alvo, de modo que você possa cooperar com os cristãos locais.

Como hóspede no país deles, você não deve tentar impor suas próprias idéias, questões de debate teológico ou métodos de trabalho.

Antes de partir é muito importante obter informações sobre a igreja do país-alvo, de modo que você possa cooperar com os cristãos locais.

► 9. *Da perspectiva do fazedor-de-tendas, por que as agências missionárias podem ser uma das melhores fontes de informação sobre uma região, país ou povo?*

EMBAIXADAS

Em geral, as embaixadas são bem-dispostas a informar as pessoas de outras nações sobre sua herança cultural. Muitas vezes, uma visita a uma embaixada ou uma carta pode render muitas informações úteis. O material impresso de divulgação, claro, é escrito por pessoas naturais do país; logo, essas informações também dão uma idéia de como as pessoas vêem a si mesmas.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Vale a pena consultar bibliotecas públicas sobre o seu país receptor. A biblioteca também lhe poderá fornecer uma lista de títulos que você pode folhear e ver quais deverá levar para casa. Não menospreze publicações valiosas como o *Almanaque Abril*. Elas poderão oferecer informações sobre a geografia, história e economia do país receptor, sua formação étnica e as várias religiões adotadas. Os livros também descrevem as estruturas políticas e as características culturais como festas, costumes matrimoniais, etc. Pode ser fascinante ler romances escritos por autores locais para ver a vida como eles a vêem.

ESTRANGEIROS NO PAÍS DO FAZEDOR-DE-TENDAS

Você já começou a fazer contatos com estrangeiros que estão morando ou visitando seu país? Deve haver estudantes de seu país-alvo estudando em alguma faculdade ou escola de idiomas próxima. Procure pessoas de outros grupos étnicos com quem você possa manter relacionamento. Os estrangeiros geralmente ficam muito satisfeitos quando alguém demonstra interesse por eles. Talvez você possa ajudá-los em algum problema que estejam enfrentando, como também poderá aprender com

eles. Se você mora numa grande cidade, pode haver uma igreja de seu país-alvo. Mesmo que não fale a língua deles, você seria bem-vindo às reuniões. Você pode fazer amizades transculturais. Mas lembre-se de que os estrangeiros que moram em *seu* país já começaram a se adaptar à *sua* cultura. Não será o mesmo que se relacionar com eles em sua terra natal.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Fique atento para artigos de jornais ou revista que tratem de seu país-alvo. Você pode recortá-los e arquivá-los para consultar depois. Muitas vezes os programas de rádio podem ser uma mina de informação. E um documentário de televisão pode oferecer muito conhecimento sobre a vida no país.

► 10. *Em seu caso específico, quais são as melhores fontes de informação sobre os diferentes povos e regiões onde vivem? Como você pode ter acesso a esses recursos?*

Resumindo, é essencial ir para o campo missionário com uma atitude de humildade e de disposição de aprender. Haverá muitas coisas inesperadas e diferentes e outras fascinantes e empolgantes. Para comunicar eficientemente a mensagem de Jesus Cristo, você precisa fazer o que Jesus fez: colocar-se ao lado do povo em seu novo país, aprender a situar-se onde e como eles se situam e ver as coisas do ponto de vista deles.

► RESUMO

A eficiência no ministério depende de uma compreensão clara da cultura receptora. Sem esse conhecimento, os fazedores-de-tendas realizam menos do que esperam. Os mal-entendidos são inevitáveis. Se os faze-

dores-de-tendas querem transmitir a mensagem de Jesus Cristo com eficiência, devem tirar tempo para aprender sobre a nova cultura. Devem compreender as pessoas e se identificar profundamente com elas. Jesus Cristo é o exemplo perfeito desse empreendimento.

A cultura é composta de vários elementos diferentes. As *crenças* determinam como o povo vê a realidade. Os *valores* influenciam todos os aspectos da vida, principalmente como os eventos e relacionamentos são percebidos. Os *costumes* são as convenções externas de uma cultura que oferecem um padrão para a interação social diária, incluindo saudações, alimentos e roupas. As *instituições*, tais como religião, governo, comércio, parentesco, etc., determinam como o povo se organiza e desempenha as atividades funcionais. Todos esses elementos unem as pessoas de uma cultura específica, dando-lhes um senso de identidade, dignidade, segurança e continuidade.

Conhecer outras culturas requer ter acesso aos recursos disponíveis sobre elas. As *sociedades missionárias* podem ser uma boa fonte de informação sobre um grupo específico e geralmente têm a vantagem de possuir um interesse genuíno em ver aquele grupo alcançado. As *embaixadas* geralmente estão ansiosas para informar os outros sobre seu povo e sua cultura. Vale a pena consultar as *bibliotecas públicas* e, dependendo do tamanho e do alcance de seu acervo, elas podem oferecer livros, periódicos e outras fontes de informação. Os *estrangeiros* que estão no seu país são muitas vezes uma boa fonte de informação. Eles também são boas oportunidades para desenvolver amizades transculturais. Os meios de comunicação de massa, tais como jornais, revistas, rádio e televisão, também oferecem uma boa fonte de informações atuais sobre o país-alvo. Se você usar todas essas fontes, obterá uma compreensão razoável da cultura receptora.

TAREFA DO PLANO DE AÇÃO

- ▶ *A melhor maneira de se tornar um estudante de cultura é começar a compreender a sua própria cultura! Fazer um relatório etnográfico completo de sua própria cultura talvez esteja fora de seu alcance; en-*

tão elabore uma descrição de uma ou duas páginas usando o seguinte esboço de tópicos e as questões sugeridas.

- ▶ *Costumes.* Quais são as normas para cumprimentar os outros em sua cultura? Qual é o código de vestimentas para diferentes atividades? Quando e com que frequência as pessoas comem?
 - ▶ *Valores.* Que valor sua cultura dá a relacionamentos, parentescos, eficiência, limpeza, mobilidade, educação e outros aspectos da vida diária?
 - ▶ *Crenças.* O que sua cultura pensa a respeito de realidade, eternidade e Deus?
 - ▶ *Instituições.* Como as instituições (religiosas, governamentais, educacionais e sociais) afetam o modo de ser, o modo de pensar e de se comportar?
- ▶ *Você já identificou uma parte do mundo onde deseja servir como fazedor-de-tendas? Observando um grupo de pessoas dessa região ou alguém selecionado aleatoriamente, descreva a cultura de seu povo do mesmo modo que você descreveu sua própria cultura. Depois compare cada área geral de cultura com sua própria cultura. Compartilhe seu trabalho com alguém que tenha experiência transcultural.*

LIDANDO COM O ESTRESSE

Conseguir harmonizar as dinâmicas do trabalho, da adaptação transcultural, do ministério, do relacionamentos de equipe e da batalha espiritual pode produzir um tremendo estresse na vida dos fazedores-de-tendas. A narrativa a seguir, de um casal fazedor-de-tendas, é verdadeira e nos fala da intensidade desse estresse. Alguns poderiam achar que essa história é forte demais. Mas é uma tentativa de encarar com honestidade as verdadeiras questões com as quais os fazedores-de-tendas são forçados a lidar em seu serviço transcultural. Este capítulo também dá uma *idéia* da capacidade que tem uma situação transcultural de sobrecarregar aqueles que não estão preparados para lidar com o estresse inevitável. No artigo seguinte, Carlos Calderon compartilha seu conhecimento íntimo neste estudo de uma caso real.

▶ ENFRENTANDO UMA SITUAÇÃO TRANSCULTURAL

Carlos Calderon*

Com três títulos em engenharia, uma firme convicção do chamado para trabalhar com muçulmanos, sólido apoio em oração e sustento financeiro estável e adequado, José Rubio e sua esposa foram juntamente comissionados por suas duas igrejas locais (uma na América Latina e outra nos Estados Unidos) para dirigir uma equipe de quatro jovens com o mesmo chamado. Casado há quatro anos e experiente em plantar igrejas, José se sentia confiante em seu preparo para trabalhar como fazedor-de-tendas e líder de equipe. Ele estava ansioso para plantar uma igreja num contexto muçulmano.

José se saiu bem na escola. Vindo de uma família pobre, estava acostumado a ter de trabalhar arduamente para ganhar a vida. Ele não via as dificuldades ou limitações como falta da bênção de Deus ou como sinal de que a pessoa estava sendo punida. “José tem muito bom senso”, comentou um de seus professores. “A perseverança é sua principal característica”, foi o comentário final no teste de psicologia que José fez pouco antes de partir para o campo missionário.

Sob muitos aspectos, Maria, esposa de José, era o reflexo do marido. Tinha quatro diplomas de universidade e estava acostumada a trabalhar como companheira no ministério.

Finalmente chegou o dia da partida. O atraso no vôo fez com que José e Maria perdessem a pessoa que os esperava no aeroporto e que era seu contato no Oriente Médio. Mas isso não lhes causou muita ansiedade; apenas ficaram num hotel por alguns dias. O verdadeiro

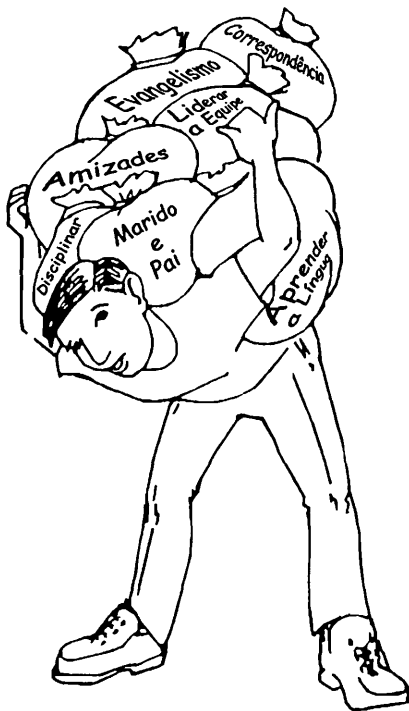
**Eles experimentavam
diariamente uma
sensação de opressão
espiritual, e a falta de
comunhão com
outros crentes
aumentava a
sensação de
deslocamento.**

* Carlos Calderon é representante dos Partners International para o Oriente Médio. Atua mobilizando cristãos latinos para missões. Ele morou e trabalhou no Oriente Médio como fazedor-de-tendas.

estresse começou cerca de seis semanas depois, quando a empolgação da nova língua, novos amigos, novo cenário, novos sabores e novos aromas deram lugar às experiências do dia-a-dia. A vida não era fácil nesse novo país e na cidade em que os Rubios se instalaram. Eles experimentavam diariamente uma sensação de opressão espiritual, e a falta de comunhão com outros crentes aumentava a sensação de deslocamento. O casal começou a compensar essas deficiências aprofundando seu relacionamento pessoal com o Senhor.

Ao mesmo tempo, José estava enfrentando a realidade de sua tarefa profissional. Seu trabalho de fazer tendas exigia que ele estabelecesse uma sucursal que abrisse um novo mercado para os produtos de uma companhia. José logo descobriu que ele não era a única pessoa qualificada da cidade nesse ramo. Pior ainda, grandes companhias multinacionais também estavam entrando no mesmo mercado. O trabalho ideal, que deveria gerar os rendimentos de José, oferecer-lhe contatos e permitir-lhe compartilhar o evangelho, tinha de ser praticado num ambiente de competição profissional difícil e acirrada.

Além de seu trabalho secular, José devia aprender a língua para poder comunicar o evangelho com mais eficiência aos muçulmanos e nutrir os novos discípulos. Também devia liderar sua “equipe de plantadores de igrejas”, um grupo de cristãos profissionais com grau universitário e cheios de zelo. Devia manter as igrejas de seu país devidamente informadas a respeito dos avanços no ministério. Devia estar à altura de suas responsabilidades na família e envolver-se em todas as longas visitas com os simpáticos vizinhos (o verdadeiro público-alvo do casal). Além de todas essas responsabilida-



des, também devia proporcionar, alegremente, excursões para os membros de sua igreja que vinham visitá-los no campo.

► 1. *Avalie as expectativas colocadas sobre os Rubios. Quais eram essas expectativas? Quem as estabeleceu? Elas eram realistas?*

ESTRESSE TRANSCULTURAL

Os missionários fazedores-de-tendas não são os únicos que assumem tarefas transculturais. Formandos de todas as universidades do mundo estão bem preparados para trabalhar nos países estrangeiros. Com compromisso e treinamento eficiente, esses indivíduos são capazes de trabalhar como profissionais em um novo ambiente cultural. Essas posições não necessariamente exigem relacionamentos pessoais profundos; são mais orientadas à realização de uma tarefa básica, ao desempenho de um trabalho ou à conclusão de um projeto. Geralmente as posições são bem compensadas com um bom salário, assistência médica, viagens anuais pagas, boas instalações de moradia e outros benefícios.

As multinacionais tentam aliviar os níveis de estresse, hospedando seus empregados de curta permanência em hotéis luxuosos, ou oferecendo aos empregados de longa estadia a oportunidade de morar em condomínios fechados — lugares que simulam o ambiente residencial, a arquitetura, os hábitos alimentares e o modo de vestir originais do empregado. O desempenho profissional geralmente é orientado para a realização de uma tarefa.

Em contraste, os fazedores-de-tendas cristãos visam a compartilhar o evangelho, que é o cheiro de morte para aqueles que não crêem e o aroma de vida para aqueles que crêem (2 Co 2.14-16). Compartilhar o evangelho é compartilhar vida — gastar tempo com os incrédulos e abrir a casa para os de fora. Esses relacionamen-

Compartilhar o evangelho é compartilhar vida— gastar tempo com os incrédulos é abrir a casa para os de fora.

tos, até mesmo na própria cultura da pessoa, podem produzir um alto nível de estresse.

► 2. *Que diferença importante existe entre um profissional não orientado para o ministério, empregado para trabalhar no exterior, e um fazedor-de-tendas?*

MULTIPLICADORES DE ESTRESSE

No âmbito dos relacionamentos, os fazedores-de-tendas atuam sob um fator multiplicador de estresse. Inicialmente, uma pessoa pode ser levada a crer que o estresse se desenvolve a partir das limitações da linguagem. Num nível mais profundo, o estresse vem da incapacidade de se comunicar com os outros por causa de suas formas diferentes de olhar a vida, fazer as coisas, resolver problemas, escrever cartas e transmitir idéias. Em resumo, o estresse é produzido pela incapacidade de relacionar-se de maneira saudável com um novo ambiente.

O estresse é produzido pela incapacidade de relacionar-se de maneira saudável com um novo ambiente.

O estresse é gerado quando os amigos e a família que ficaram em seu país parecem não compreender os fazedores-de-tendas... e os fazedores-de-tendas não compreendem mais os seus amigos! O estresse atinge o âmago quando as características sexuais naturais, intensificadas pelas novas realidades culturais, fazem com que o marido e a esposa falem línguas aparentemente diferentes. As preocupações com a segurança dos filhos e o seu futuro incerto também se somam à equação.

► 3. *Por que o autor afirma que os fazedores-de-tendas atuam sob um fator "multiplicador" de estresse quanto aos relacionamentos?*

O ESTRESSE RELACIONADO AO TRABALHO

Durante vários meses, José trabalhou arduamente para estabelecer seu negócio. Porém, as multinacionais do Pacífico estavam deliberadamente matando a concorrência no mercado “de José”. Não havia dúvida de que ele estava perdendo dinheiro. A sede de sua companhia não entendia as práticas do comércio internacional. A companhia não estava disposta a tolerar esses problemas, aliados a contínuos prejuízos financeiros. Todo o tempo e energia que José havia empregado naquele empreendimento fora perdido. Parecia um mau investimento em todos os sentidos. Contudo, havia pelo menos uma boa notícia. Uma vez que a companhia finalmente havia sido estabelecida legalmente, pelo menos os vistos de permanência de José e Maria estavam garantidos para o próximo ano. A polícia não tinha de visitar o casal. Mas agora que José estava praticamente fora do negócio, o que iria acontecer a ele e à família? Como poderiam permanecer no país? E quanto à sua paixão e visão de alcançar os muçulmanos naquela terra?

Já que o trabalho estava exigindo cada vez menos, a maior parte do tempo de José agora estava livre para o ministério — mas agora essa família de fazedores-de-tendas começava a experimentar uma crise de identidade. As pessoas do local perguntavam: “Por que você fica em casa tanto tempo agora?”. “Eu trabalho em casa”, José respondia. Em seu coração, ele começava a perguntar se havia sido chamado para ser um missionário “camuflado”, em vez de um fazedor-de-tendas com uma profissão.

► 4. *Que tipo de estresse José estava experimentando com a perda de viabilidade como homem de negócios?*

ESTRESSE DA FAMÍLIA

Neste ponto, toda a família estava vivendo o estresse. Mais tempo “livre” significava mais atividades de “ministério”, que envolviam mais dinheiro. Para todos os propósitos práticos, o trabalho oficial de José havia acabado completamente. Simples perguntas tais como “de onde você recebe dinheiro” ou “como você faz para viver?” se tornaram difíceis de responder. Era impossível e perigoso explicar plenamente. Cada visita à polícia para renovar seu visto de permanência era uma experiência irritante.

A família estava fazendo outros ajustes. Entreter constantemente as pessoas da cultura receptora em sua casa produzia atrito constante, principalmente quando os horários sociais dos visitantes diferiam dos deles.

Uma noite o telefone tocou às 20h30, quase na hora que Maria estava tentando colocar sua filha para dormir. — Posso visitá-los? — perguntou a pessoa. — Bem, eu estou colocando nossa filha para dormir, — respondeu José. — Bem, minha mãe também está indo e nós estamos com o carro do meu pai. Estaremos aí dentro de meia hora. Maria tentou fazer sua filha dormir e José começou a preparar o chá e verificar se havia biscoitos suficientes para servir. (A cultura local dizia que sempre se devia servir chá e biscoitos para as visitas.) Duas horas depois as visitas chegaram. Eram 22h30. Eles serviram os biscoitos e o chá. Por volta das 2h00 horas, José mal conseguia ficar acordado e Maria estava enjoada do cheiro do chá.

O suprimimento da despensa do casal estava acabando após as constantes visitas de pessoas que sempre esperavam algo para comer. Porém, essa era a cultura, e os Rubios estavam progredindo em seus contatos. José e Maria adaptaram-se aos pratos típicos locais, mas essa agenda social “diferente” era outra questão!

Os Rubios também eram um centro de atenção. Duas de suas vizinhas se conheceram na casa deles e começaram uma amizade. José

O suprimimento da despensa do casal estava acabando após as constantes visitas de pessoas que sempre esperavam algo para comer.

e Maria se perguntavam como duas pessoas tão simpáticas não haviam se conhecido antes, sobretudo morando no mesmo prédio. Um dia as coisas mudaram. Uma das mulheres não cumprimentou sua nova “amiga” e lançou-lhe um olhar contrafeito que acabou com o relacionamento delas. Elas começaram a brigar pela atenção de Maria, dando-lhe presentes e disputando seu tempo. Desnecessário dizer, essa situação colocou Maria numa posição muito desconfortável.

► 5. *Que implicações o compromisso de criar relacionamentos redentores tem em relação às preferências do estilo de vida pessoal?*

Os meses se passaram, a inflação alta estava e consumia a despesa dos Rubios. Seus contatos estavam tendo pouco progresso. A essa altura era óbvio que, para obterem algum resultado no ministério, levaria muitos anos e exigiria um sério programa de aprendizado da língua.

Maria estava esperando outro bebê. Com algumas restrições, os Rubios decidiram voltar ao médico que haviam consultado durante a primeira gravidez. À medida que a gravidez de Maria prosseguia, eles passaram a precisar cada vez mais de uma lavadora e de uma secadora. O casal decidiu adquirir uma lavadora “semi-automática” usada, mas não tinham dinheiro para uma secadora. Pelo menos a gravidez não estava ocorrendo durante o verão tórrido. José e Maria estavam gratos porque fazia um pouco de calor durante as noites frias de inverno. Até o cheiro do sistema de aquecimento a carvão não era problema, levando em conta o clima frio.

Era óbvio que, para obterem algum resultado no ministério, levaria muitos anos e exigiria um sério programa de aprendizado da língua.

As limitações da despesa, as visitas constantes para entreter, a concorrência do mercado, a crise de identidade, o nascimento do fi-

lho, as mudanças impostas pelas variações climáticas, a poluição do ar, o progresso lento nos contatos, a necessidade de escrever relatórios sempre positivos para as igrejas e mantenedores de seu país e as dificuldades com a língua produziam um efeito cumulativo. Para José, ficar em casa sem fazer nada tornou-se um refúgio. José desfrutava desses momentos preciosos até que era interrompido, talvez por um dos membros de sua equipe que vinha desabafar suas frustrações pessoais. Geralmente a situação exigia oração e meditação na Palavra, seguida de mais oração. Era difícil para José aconselhar os outros quando sua própria situação estava nessa desordem e confusão.

A questão que pesava muito sobre José e Maria era criar seus filhos naquele país. Eles se perguntavam que efeito o ambiente transcultural teria sobre seus filhos e como moldaria o futuro dessas crianças. Parecia haver argumentos favoráveis e contrários. Os filhos estudariam nessa nova cultura; seriam bilíngües, com opções de aprender ainda outras línguas; veriam o mundo com os olhos do pobre; compreenderiam as realidades culturais e poderiam desenvolver laços com outras culturas; e cresceriam no contexto do ministério espiritual e da batalha espiritual que, segundo José e Maria esperavam, os tornaria crentes firmes. Se os filhos se casassem e permanecessem no país, teriam de ser sensíveis aos seus próprios filhos à medida que crescessem, ajudando-os a desenvolver uma personalidade segura, uma família e uma identidade cultural neste complexo mundo da vida transcultural. Finalmente, parecia que as vantagens de criar uma família multicultural pesava mais que a alternativa monocultural. Os filhos não estariam em desvantagem, mas fazer essa escolha por eles era difícil.

► 6. *Quais são suas impressões sobre a criação dos filhos dos fazedores-de-tendas em outra cultura? Quais são os principais elementos que produzem estresse?*

LIDANDO COM O ESTRESSE

A complexidade dos fatores de estresse no ministério de fazer tendas pode reduzir a experiência a uma “sobrevivência” emocional. Um forte estresse pessoal, familiar e vocacional pode causar um sério impacto na convicção do chamado, no propósito e na realização do fazedor-de-tendas. Existem maneiras de o fazedor-de-tendas lidar com essas preocupações antes que o estresse o vença? Sim, mas a solução não é fácil. Graças a Deus porque outros entraram antes nesses empreendimentos transculturais. Os fazedores-de-tendas podem aprender com precursores, como também com aqueles que já estudaram essas questões profundamente.

O primeiro grande princípio para lidar com o estresse é encarar a realidade com honestidade, humildade e transparência. O estresse faz parte da vida, mas os servos transculturais enfrentam uma dose particularmente alta de estresse. Se os fazedores-de-tendas entenderem de antemão o ambiente estressante que, provavelmente, vão enfrentar, eles poderão reconhecer melhor o estresse, sua origem e limitar seus efeitos. A descrição de Paul Hiebert dos três estágios da adaptação transcultural (resumidos abaixo) é um bom ponto de referência a manter em mente.*

Como Hiebert observa, quase todos os fazedores-de-tendas assumem seu ministério com uma forte convicção de chamado e muito entusiasmo. Há uma sensação de “Finalmente! Estou onde sempre quis estar há tanto tempo! Graças a Deus! Uau! Olhe toda esta maravilhosa diversidade de cenários, sons, sabores, pessoas, costumes e culturas! Nós queremos ficar aqui por toda nossa vida!”. Este é o estágio *turista* ou *lua-de-mel*. Pode durar algum tempo, dependendo da pessoa. Mas vai chegar o dia em que a empolgação acaba. Algumas pessoas colidem com a cultura subitamente; outros se conscientizam mais gradativamente dos problemas.

* Hiebert, P. G. (1992). Culture and cross-cultural differences. Em R.D. Winter & S.C. Hawthorne (Eds.), *Perspectives on the World Christian Movement: A reader* (rev. ed.) (p. C9-C23). Pasadena, CA: William Carey Library.

O segundo estágio acontece com o *choque cultural*. Hiebert define choque cultural como "... a sensação de confusão e desorientação que enfrentamos quando penetramos em outra cultura... é o fato que todos os padrões culturais que aprendemos agora não têm mais sentido. Nós sabemos menos sobre a vida aqui do que nossos filhos e devemos começar novamente a aprender as coisas elementares da vida — como falar, cumprimentar os outros, comer, fazer compras, viajar e mil outras coisas".* Se os fazedores-de-tendas percebem que o choque cultural é normal a todos os obreiros transculturais e não um indício de problemas espirituais, então podem relaxar e enfrentá-lo de maneira realista. Aqui vemos a importância das equipes de fazedores-de-tendas, em que o compartilhar honesto permite que todos se abram e enfrentem o estresse do choque cultural. Muitas vezes um missionário experiente, na mesma região, pode ser um tremendo incentivo para os fazedores-de-tendas mais jovens. O alívio do estresse vem quando os fazedores-de-tendas relaxam as expectativas que eles, seus parentes, a empresa, a igreja local e os outros impuseram a eles.

Hiebert enfatiza que o terceiro estágio da adaptação cultural, o da *pessoa bicultural ajustada*, leva tempo. Os fazedores-de-tendas não devem supor que este ajustamento pode ser alcançado rapidamente! Muitos fazedores-de-tendas permanecem por períodos tão curtos que nunca chegam a este estágio de confiança, conhecimento e liberdade com a língua — tudo que leva a uma identificação significativa e de vínculo com a cultura e com o povo receptor.

Se os fazedores-de-tendas entenderem de antemão o ambiente estressante que, provavelmente, vão enfrentar, eles poderão reconhecer melhor o estresse, sua origem e limitar seus efeitos.

* Hiebert, p. C13.

► 7. *Se a adaptação é um resultado esperado, por que não é sábio que os fazedores-de-tendas assumam tarefas relativamente curtas?*

A *adaptação* se torna a questão principal no tratamento do estresse. A adaptação ocorre quando os fazedores-de-tendas compreendem que a maior parte das variantes culturais não são nem certas nem erradas, nem celestiais nem demoníacas. Elas simplesmente identificam as diferenças históricas profundas entre os povos do mundo. A *diferença* não é nem má nem errada! A adaptação ocorre com a *comunicação*, e se os fazedores-de-tendas não estiverem comprometidos com um ministério de longo prazo, ficarão propensos a evitar a árdua tarefa de aprender a língua local ou nacional. A língua é a porta de entrada no coração de um povo, mas essa porta se abre aos poucos. A adaptação acontece com o tempo, exige investimentos de longo prazo na cultura, no povo, nas famílias e nos indivíduos.

**A adaptação ocorre
quando os fazedores-de-
tendas compreendem que
a maior parte das
variantes culturais não
são nem certas nem
erradas, nem celestiais
nem demoníacas.**

ENFRENTANDO A REALIDADE HONESTAMENTE

O trabalho missionário no contexto muçulmano não é fácil. Manter um emprego secular no país receptor onde José e Maria foram trabalhar era uma experiência a ser estudada. Juntar as atividades do ministério e do trabalho em um equilíbrio saudável era mais difícil do que José havia suposto. A tarefa parecia pesada demais.

O ponto crítico chegou quando os Rubios, finalmente, perceberam que aquela cultura receptora não era simplesmente uma variação de sua própria cultura, mas, de fato, uma cultura totalmente diferente e própria. As pessoas daquele local não simplesmente agiam ou pensa-

vam de modo diferente, mas tinham um padrão de conduta, um ritmo diverso, uma canção com sua própria beleza singular.

Para resolver um problema, a pessoa deve perceber que o problema existe. O mesmo é verdadeiro em relação à cultura. Uma vez que os fazedores-de-tendas reconhecem, aceitam e abraçam a realidade de que existem diferentes culturas, eles estão a caminho de começar a sentir-se em casa no novo país. Um aparte interessante sobre essa descoberta pessoal é que quando os fazedores-de-tendas abraçam outra cultura, sua própria cultura fica sob controle de um exame mais rigoroso.

A fascinação turística com o novo país logo se acaba, transformando-se em rejeição com acessos de pesadas críticas. Há dois resultados possíveis dessa crítica. Um deles é um período de crescimento, durante o qual os fazedores-de-tendas descobrem a essência da cultura local e adquirem uma consciência mais profunda de sua própria cultura. O outro resultado possível é a rejeição total da nova cultura, que geralmente termina com a volta abrupta dos fazedores-de-tendas para seu país — a um alto custo emocional, espiritual e mesmo físico.

Os Rubios entraram na fase do crescimento. Continuaram a aprender a cultura, adaptando e incorporando suas características ao seu modo de vida, tentando vivê-la, tanto quanto possível, como sua própria cultura. Os aromas, o frio, a falta de água corrente, a acirrada concorrência profissional, os contatos que avançavam lentamente, as limitações na comunhão com os crentes, a redução do orçamento, as ruas repletas de pessoas, o transporte coletivo lotado tornavam a vida real. Essa era a vida *deles...* e estava-se tornando mais agradável!

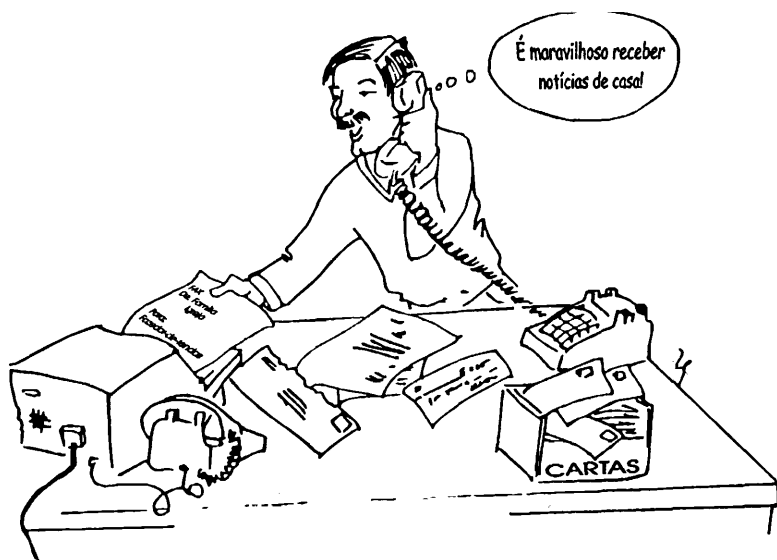
Nem todos os fazedores-de-tendas fazem esta transição cultural.

► 8. *Por que, quando os fazedores-de-tendas se adaptam à nova cultura, o estresse é reduzido?*

O PAPEL DA IGREJA LOCAL

Durante o período dos Rubios no campo, chegavam cartas, visitas, telefonemas e faxes regularmente. O dinheiro, ou a falta dele, não era tão importante quanto o apoio emocional e espiritual que José e Maria recebiam das igrejas de seu país. Outra bênção era o fato de essas igrejas também serem fiéis no envio dos recursos financeiros prometidos.

Os Rubios haviam sido criados numa igreja evangélica conservadora latino-americana, onde não se enfatizava a batalha espiritual. Em seu novo país, eles percebiam que estavam travando uma batalha constante e destruidora, em que se encontravam constantemente sob o ataque das forças das trevas. Eles se sentiam como Josué lutando no vale, dependendo totalmente que Moisés mantivesse suas mãos erguidas para o céu a seu favor (Ex 17.8-13). As igrejas mantenedoras, o “Moisés” dos Rubios, ainda estavam mantendo seus braços erguidos. José e Maria eram muito gratos por esse apoio constante.



O pastor americano dos Rubios e alguns presbíteros iam visitar a equipe — sempre no momento certo e com grande sacrifício financeiro da parte da igreja. Essas visitas eram como uma bebida fresca que mata a sede no meio de uma tarde quente. O pastor de José também havia sido um homem de negócios. A igreja não dava apenas apoio financeiro, oração e visitas pastorais, mas também conselho nos negócios da parte do pastor e de outros profissionais da congregação.

Foram esses conselheiros que primeiro disseram a José que ele tinha de mudar a direção, se quisesse permanecer no negócio. Foi seu pastor quem esteve próximo para aquela sessão de aconselhamento intensivo quando José mais precisava dele. Quando uma emergência exigia que os Rubios fizessem uma viagem imediata para fora do país, a igreja tinha a flexibilidade, não apenas para orar, mas também para comprometer-se financeiramente com a decisão.

► 9. *De que maneira a igreja dos Rubios estava envolvida em ajudá-los a enfrentar o estresse?*

O melhor cuidado pastoral da igreja enviadora vem sob as seguintes condições:

- A igreja envia os fazedores-de-tendas como seus próprios missionários.
- A igreja se identifica com os fazedores-de-tendas por meio de oração séria e bem informada sobre a situação.
- A igreja investe financeiramente (quando necessário) para que a família do fazedor-de-tendas faça um bom trabalho.
- A igreja assegura que estratégias, cuidado pastoral e supervisão sejam proporcionados no local para a família. (Poucas igrejas conseguem fazer isso sozinhas; logo é muito importante que outras providências sejam tomadas. Qualquer coisa a menos que isso é insuficiente.)
- A igreja proporciona períodos de renovação e de descanso para a família, dispondo tudo que é necessário para que essas necessidades sejam satisfeitas.

O RETORNO PARA CASA

Muitos anos depois, José e Maria com seus filhos voltaram para “casa” e encontraram belas lembranças. Alguns amigos fiéis vieram recebê-los no aeroporto. Uma pessoa criativa abençoou-os com um presente representando uma quantia mensal modesta, separada em uma conta particular para as “despesas pessoais” da família para essa ocasião. José e Maria quase perderam a aura mágica que os novos missionários têm, mas foram bem recebidos em seu regresso.

Contudo, eles não são os mesmos. A vida está diferente aqui. Sua cidade havia crescido, com novas ruas, novas casas, novas lojas e modas e uma igreja quase diferente (as pessoas mudam tanto!).

Os Rubios acham que seu estômago rejeita o alimento a que antes estavam acostumados (“tem química demais”, dizem). Eles têm água corrente, uma lavadora totalmente automática e uma secadora, os médicos em quem confiam e o mesmo trabalho. Sentem, porém, falta de seus amigos em seu “lar” do Oriente Médio.

As pessoas acham que José e Maria ainda são os mesmos profissionais autoconfiantes de antes. À medida que o tempo passa, José percebe aos poucos que o Senhor e o diabo estão se tornando um tanto distantes. Eles haviam lutado a guerra espiritual numa terra remota. O cheiro de batalha começa a dar lugar a discussões mais mundanas sobre estratégia da igreja. Sua sessão de prestação de contas com o pastor é excelente e pessoalmente reafirmadora. José assume novamente suas velhas responsabilidades na igreja. A vida deve continuar como antes.

José e Maria descobrem que têm de enfrentar um choque cultural às avessas. Eles tentam superar a crítica e a rejeição inesperada de seu “lar natural”. Não é fácil abraçar a própria cultura novamente. O culto numa igreja grande é uma alegria — que maravilha incomum tantos cristãos num lugar! — mas a aparente superficialidade do compromisso dos irmãos é desconcertante. A vida espiritual profunda parece rara, mas as agendas cheias e os negócios são comuns. O ritmo do ministério é mais lento e mais voltado para dentro do que José estava acostumado... As batalhas espirituais de José estão sendo substituídas por batalhas intelectuais. A congregação está em franco crescimento, e

as dificuldades da liderança exigem grandes mudanças. José se pergunta se deve assumir esta obrigação ao mesmo tempo que mantém seu outro cargo na equipe. Ele encara uma batalha crescente em seu novo ministério, sob o peso de suas medalhas como missionário e de idéias mais radicais.

O culto numa igreja grande á uma alegria, mas a aparente superficialidade do compromisso dos irmãos é desconcertante.

► *10. Por que os Rubios estavam experimentando uma sensação de alienação na readaptação à vida em sua própria igreja e cultura?*

A igreja fez um bom trabalho sondando a experiência dos Rubios. José recebeu oportunidade de ministério. Os Rubios foram felizes porque sua igreja caminhou com eles na fase de seu retorno, com paciência, apoio e interesse e um contínuo compromisso de ajudar a família a tomar decisões adequadas quanto ao futuro. Eles deveriam voltar à sua missão no exterior? A primeira empresa de José havia falido, mas a paixão dos Rubios permanecia. O que deviam fazer agora? A igreja estava dedicando todo o cuidado e interesse para ajudar os Rubios a lidar com essas questões difíceis e se readaptar à sua própria cultura.

► RESUMO

O nível de estresse dos fazedores-de-tendas começa a aumentar quando a fase inicial da lua-de-mel de adaptação se completa e o dia-a-dia se torna uma rotina. A desorientação se manifesta à medida que os fazedores-de-tendas perdem contato com as normas de sua própria cultura. Superficialmente, a falta de conhecimento da língua da cultura receptora parece ser a principal dificuldade. Existe, porém, uma incompatibilidade mais profunda com o novo ambiente, que gera estresse.

Os fazedores-de-tendas diferem dos outros profissionais que trabalham no exterior, porque, além de trabalhar, eles se dedicam a desenvolver relacionamentos redentores. Essa dedicação requer que os fazedores-de-tendas abram seu lar e sua vida às pessoas. O impacto da nova cultura afeta todos esses relacionamentos, até os de dentro da família. Outro ponto de estresse é a adaptação ao negócio ou ao ambiente profissional, uma vez que os fazedores-de-tendas tentam enfrentar diferentes práticas culturalmente determinadas. Uma mistura de todas essas fontes de estresse pode em última análise, sobrecarregar os fazedores-de-tendas e suas famílias.

A chave para reduzir o estresse geral é adaptar-se à cultura. Esse processo começa com uma compreensão da complexidade da situação em que os fazedores-de-tendas estão entrando. É importante que a igreja enviada esteja consciente do potencial de estresse e que os membros apoiem os fazedores-de-tendas por todos os meios possíveis. A igreja enviada também tem um papel tremendamente importante a cumprir quando os fazedores-de-tendas voltam para casa. Os membros devem estar disponíveis para apoiar os fazedores-de-tendas durante alguns momentos difíceis de readaptação à cultura de seu país.

► TAREFA DO PLANO DE AÇÃO

- *As expectativas iniciais colocadas sobre os Rubios eram assustadoras. Que expectativas você tem de si mesmo como fazedor-de-tendas? Que expectativas os outros têm de você? Identifique-as. Pense em sua capacidade de lidar tanto com suas expectativas como com as dos outros. Discuta isso com um mentor ou com alguém da liderança de missões. Prepare-se de tal maneira que você não tenha de lidar com expectativas além do que pode conseguir.*
- *Toda pessoa tem maneiras de aliviar o estresse. Algumas pessoas fazem exercícios. Outras relaxam enquanto lêem um livro ou assistem à televisão. Outras pessoas desenvolvem hobbies, outros ainda se envolvem em práticas destrutivas, como beber ou comer demais. Identifique como você alivia o estresse construtivamente. Se você não é forte nessa*

área, desenvolva meios de relaxamento. Essas atividades devem ser aquelas que você pode incorporar ao seu estilo de vida quando estiver no campo.

- ▶ *Muitas igrejas que fazem um trabalho bem consciente de enviar missionários falham terrivelmente quando os missionários voltam do campo. A suposição é que os missionários estarão contentes em voltar e se ajustarão ao modo de vida atual. Muitas vezes, esse período de regresso pode ser muito desorientador e desanimador para famílias que estão voltando de um lugar onde julgam ter vivido uma experiência transformadora. A liderança da igreja precisa dar tempo adequado para ouvir o que a família do fazedor-de-tendas passou e para ajudá-los em sua readaptação. Esse processo é essencial à saúde e ao bem-estar dos missionários. Relacione o que acha importante para você como fazedor-de-tendas, quando voltar para sua cidade e para sua igreja após uma missão de três anos no exterior.*

SER COMO UM DELES

Aprender tudo sobre outra cultura enquanto você está em seu país é o mesmo que aprender tudo sobre natação sem nunca entrar na água. Podemos estudar a composição da água, os diferentes tipos de lugar onde as pessoas nadam e os movimentos dos braços do nadador. Podemos até prever como seria nadar, mas o verdadeiro conhecimento ocorre apenas com a experiência de fato.

Os capítulos anteriores enfatizaram a importância de conhecer a cultura receptora. Nós até sugerimos como alguém pode aprender sobre a cultura receptora enquanto ainda está em seu país. Neste capítulo fazemos a transição para o campo. Quando chegam, com quem os obreiros vão se identificar? Quanto esforço vão fazer para se adaptar à cultura? Quão vulneráveis eles se tornam tentando se comunicar? Como vamos ver, essas questões serão respondidas amplamente na abordagem inicial usada pelos fazedores-de-tendas em sua chegada ao campo.

A eficácia de longo prazo dos ministérios transculturais depende muito de como eles abordam a difícil e desafiadora tarefa de se tornar parte da nova cultura. Para continuarmos com nossa analogia da natação, muitos novos missionários tentam se proteger da batalha e do choque com uma nova cultura andando na parte rasa da piscina. Outros, com uma compreensão mais clara da *natação*, estão dispostos a mergulhar fundo precipitadamente. No artigo seguinte, Marcelo Acosta destaca princípios de integração cultural a partir de sua própria experiência.

► EXPERIMENTAR A INTEGRAÇÃO CULTURAL

Marcelo Acosta*

Petrovsky era um fazedor-de-tendas russo enviado por sua igreja local para trabalhar com povos não-alcançados da África. Quando chegou ao aeroporto na cidade de Uga-Bunga, seus compatriotas russos, que trabalhavam havia bastante tempo na África, cumprimentaram-no com entusiasmo. Imediatamente eles o levaram para uma das casas dos trabalhadores e, esperando que se sentisse bem à vontade, fizeram tudo que podiam para deixá-lo em situação confortável — exatamente como se ele estivesse na Rússia. Nas semanas que se seguiram, ofereceram-lhe o melhor da comida russa falaram em russo, e lhe mostraram o lugar utilizando um carro Lada, de fabricação russa. Ele ainda conheceu alguns africanos que falavam russo fluentemente e, para sua surpresa, pôde estabelecer um bom relacionamento com eles bem rapidamente.

Petrovsky ficou impressionado. Ele não entendia por que tantas pessoas haviam-lhe falado durante seus anos de preparação teológica e missiológica que ele teria dificuldades em se adaptar à cultura africana. Era justamente o oposto! Ele estava se sentido como se ainda

* Marcelo Acosta e sua esposa são dois latino-americanos pioneiros como fazedores-de-tendas num país muçulmano de acesso criativo. Além do ministério pessoal, eles realizam programas anuais de treinamento e de orientação para novos obreiros que estão entrando naquela região do mundo. Eles atuam numa agência missionária latino-americana para povos muçulmanos.

estivesse na Rússia, absolutamente sem nenhum sinal de choque cultural.

Obviamente, Petrovsky ainda não havia tentado comer a “horrível” comida típica africana nem as “detestáveis” bebidas feitas de frutas locais. “Mas”, pensava ele, “pouco a pouco eu vou me tornar parte desta cultura com seus hábitos estranhos. Por ora, eu vou ouvir o conselho de meus amigos missionários de conseguir uma boa casa, um carro e aprender a língua; daí estarei pronto para encarar este povo”.*



A história acima não é verídica, mas ilustra bem um padrão para muitos missionários e fazedores-de-tendas transculturais. Quando os obreiros não se envolvem com a cultura desde o primeiro dia e são protegidos por seus colegas missionários, freqüentemente deixam de aprender a falar fluentemente a língua — mesmo após muitos anos no país. Eles também tendem a evitar contato com as pessoas daquele país e, freqüentemente, se limitam a amigos estrangeiros que casualmente moram nas proximidades.

* O problema da adaptação cultural é bem tratado por Thomas e Elizabeth Brewster. Esta ilustração é inspirada pelo artigo de Brewster. Veja BREWSTER, E.T., & BREWSTER, E.S. (1982). *Bonding and the missionary task: Establishing a sense of belonging*. Pasadena, CA; Lingua House.

► 1. Apesar de o comportamento do fazedor-de-tendas russo parecer um pouco exagerado, é típico das abordagens e atitudes de muitos em relação a uma nova cultura. Por que a abordagem que o russo usou poderia parecer “normal” para muitos que vão para o exterior?

ESTRATÉGIA DE ENTRADA

IDENTIFICAÇÃO COM A CULTURA RECEPTORA: A EXPERIÊNCIA DO CONTATO INICIAL

Conhecendo os perigos da não-identificação, minha esposa e eu procuramos meios de minimizar as diferenças culturais assumindo um processo estruturado de adaptação* em Madon,** um país árabe do norte da África, onde a propagação do evangelho é proibida.

Assim que chegamos, sentimos o impacto da diversidade cultural. Embora as pessoas de Madon fossem fisicamente semelhantes aos latino-americanos, falavam uma língua diferente, vestiam-se de maneira diferente e até nos olhavam de modo diferente.

A pobreza era evidente em toda parte. As ruas eram estreitas e poeirentas, com pequenas lojas à margem. Centenas de pessoas, principalmente homens e meninos, caminhavam por ali como se não tivessem destino e estivessem procurando uma razão para a vida. As crianças pediam dinheiro e dezenas de guias turísticos tentavam nos mostrar a cidade. Os lugares onde comíamos eram pequenos e ofereciam sucos e comidas que nunca havíamos visto antes. Todas essas coisas deixaram uma impressão profundamente negativa, embora estivéssemos tentan-

* Este processo de adaptação cultural foi orientado por Richard e Connie Smith da Wycliffe Bible Translators.

** Por razões de segurança, este nome é fictício.

do nos adaptar da melhor maneira possível. Nossa reação natural era nos distanciar das pessoas, tentando nos proteger para evitar sentir a dor da adaptação.

A despeito da dor que começou naquela primeira semana e continuou por cerca de cinco meses, nós quase imergimos na cultura. Nós sabíamos que se não fizéssemos isso de início, nosso processo de adaptação se enfraqueceria. De acordo com os especialistas, essas primeiras semanas são muito importantes — quando o missionário tem o vigor físico e emocional ideal para se ajustar a uma nova situação. Nós não tínhamos nossa própria casa, mas morávamos com uma família muçulmana bem simples, comendo, dormindo e aprendendo com as pessoas às quais Deus havia-nos enviado.

Quando chegamos a Madon, estava chovendo muito e fazia frio. Nós nos levantávamos todas as manhãs bem cedo e viajávamos com nosso filho num ônibus lotado para as aulas de árabe. Tudo era novidade; nós nos sentíamos muito inseguros.

A despeito de todas essas dificuldades, nós começamos a ver os primeiros bons resultados. Pouco a pouco, começamos a romper as barreiras e diferenças culturais que existiam entre nós e aquelas pessoas. Lentamente as pessoas começaram a apreciar nossos esforços de viver e falar com eles, e depois de pouco tempo de estudos intensos da língua e da cultura, começamos a nos sentir mais à vontade.

Sabendo que naquela sociedade os homens eram muito religiosos, eu disse à família com quem morávamos que não era muçulmano, mas cristão. Porque eu era cristão, eu lia a *Bíblia*, jejuava, dava esmolas aos pobres e me abstinha de fumar e beber bebidas alcoólicas. Minha declaração era uma surpresa para as pessoas, já que a imagem que eles faziam de um cristão ou de qualquer ocidental (para eles, cristão e ocidental é a mesma coisa) é a de uma pessoa sem nenhum princípio moral.

Essas primeiras semanas são muito importantes — quando o missionário tem o vigor físico e emocional ideal para se ajustar a uma nova situação.

Eu refleti sobre o fato de que se eu orasse diferente das pessoas de Madon, poderia levá-los a pensar que eu não respeitava Deus. Como não via nada na *Bíblia* que me impedisse, todos os dias eu me lavava como eles faziam e seguia seu exemplo de orar prostrado sobre um pedaço de tapete limpo, ajoelhado com a cabeça inclinada até o chão.

Quando chegava o *Ramadan*, o mês de jejum para os muçulmanos, minha esposa e eu jejuávamos com as pessoas, deixando que eles soubessem que nossos motivos para agir assim eram diferentes dos deles.



Com todas essas atividades, estávamos ganhando o respeito da família que nos havia recebido. Em poucos dias toda a vizinhança sabia que na casa daquela família havia um homem que não era muçulmano, mas, mesmo assim, correto. Quando conversávamos sobre religião, as pessoas estavam muito mais dispostas a nos ouvir; elas haviam visto algo diferente em nossa vida. Não nos viam apenas como estrangeiros, mas como pessoas que tentavam fazer todo o possível para se integrar ao modo de vida deles, aceitando-os como eram.

► 2. Como a entrada do autor na cultura difere da entrada do russo?

► 3. *Que abordagem, a do russo ou a do autor, tem mais possibilidade de eficácia para os fazedores-de-tendas a longo prazo? Por quê?*

DECISÕES QUANTO AO ESTILO DE VIDA QUE AFETAM A IDENTIFICAÇÃO

Já que era proibido pregar o evangelho em Madon, nossa razão oficial para estar no país era a exportação de tapetes para a Europa. Madon é uma sociedade de *status* atribuído, o que significa que as pessoas esperam que todos que morem ali se conduzam, se vistam e se relacionem com os outros conforme seu *status* ou posição na vida. Por causa desse sistema de valores, as famílias com as quais morávamos esperavam de nós um estilo de vida correspondente à minha posição como homem de negócios — algo difícil de alcançar, uma vez que morávamos com famílias pobres e usávamos transporte público. Essa discrepância sem dúvida limitou nosso ministério.

É muito importante que todos os obreiros cristãos que trabalham em países de acesso criativo compreendam que o tipo de trabalho que eles fazem provavelmente determinará o grupo de pessoas com quem vão poder trabalhar. Se os missionários fazedores-de-tendas querem trabalhar com comunidades carentes terão de arranjar algum tipo de emprego secular que os coloque em contato com os membros dessas comunidades.

Um bom exemplo desse princípio é um obreiro de nossa missão que agora está envolvido num projeto de levar água potável para comunidades carentes. Esse projeto coloca o missionário em contato com pessoas de vários níveis sociais — principalmente as mais necessitadas — e dá-lhe oportunidade de compartilhar a Palavra com eles.

Contrariamente, um fazedor-de-tendas cujo trabalho envolve vender computadores terá problemas em ministrar a classes sociais menos privilegiadas, pois não há mercado para seu produto entre esses pobres.

Esse obreiro deve tentar viver num bairro de classe média vestir-se como uma pessoa da classe média e ministrar às pessoas da classe média. Se ele insistir em vender computadores e ministrar aos pobres, ficará extremamente frustrado, e há grande chance de deixar o campo em pouco tempo.

► 4. Por que a discrepância existente entre a ocupação do autor e seu estilo de vida afetou o ministério?

**Se os missionários
fazedores-de-tendas
querem trabalhar
com comunidades
carentes, terão de
arranjar algum tipo
de emprego secular
que os coloque em
contato com os
membros dessas
comunidades.**

COMUNICAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DE APRENDER A LÍNGUA

Uma das maiores tarefas que os obreiros transculturais enfrentam é aprender bem a língua. Em nosso processo de adaptação, foi muito importante lembrar que a nossa comunicação deve começar desde o primeiro dia no novo país. Em nosso caso, fomos imediatamente forçados a falar algumas palavras que sabíamos, porque morávamos com uma família que só falava árabe. Essa comunicação forçada foi muito importante para adquirirmos fluência na nova linguagem.

Naturalmente, o processo não foi fácil. Temíamos falar palavras erradas ou dizer alguma coisa que não pretendíamos. Todos os dias estudávamos durante quatro horas numa escola local. Um dia eu escrevi o seguinte em meu diário:

Esta última semana foi realmente muito difícil. Na segunda-feira eu me saí bem nas aulas de árabe, na terça-feira eu fui bem, mas na quarta, eu não consegui acertar nada e fiquei completamente confuso. Também, quase não conseguia suportar o que acontecia com a família com que morávamos. Quase todos os dias eles convidam dois ou três ami-

gos para virem conversar comigo, e como a cultura exige que homens e mulheres não se misturem, minha esposa e eu quase nunca temos tempo para conversar. Temos de encontrar novas maneiras de ter privacidade.



Além de ir à escola de línguas, descobrimos alguém que nos ajudava três ou quatro vezes por semana, quando escrevíamos e gravávamos frases e orações.* Em seguida, ouvíamos várias vezes o que havíamos gravado, tentando assimilar as novas palavras e a construção de orações. Quando nos sentíamos seguros com o material, saíamos pelas ruas e conversávamos com diferentes pessoas (balconistas, vendedores ambulantes, donos de lojas, etc.), praticando constantemente o que havíamos aprendido.

* Este método é conhecido como "Método LAMP", desenvolvido por Thomas e Elizabeth Brewster. Veja BREWSTER, E.T. & BREWSTER, E.S. (1976). *Language acquisition made practical: Field methods for language learners*, Colorado Spring, CO: Lingua House.

A despeito das dificuldades que enfrentávamos, pouco a pouco ganhamos a confiança das pessoas e a fluência na língua. As reações das pessoas para conosco eram variadas. Alguns começavam a rir de nós e outros nos evitavam, mas muitos eram interessados e prontos a ajudar. Um dia, quando minha esposa estava na *medina* (a parte velha da cidade) conversando com um grupo de mulheres, uma delas nos convidou à sua casa. Era uma casa de apenas um cômodo, onde a família inteira, de seis pessoas, morava. Em pouco tempo já havíamos desenvolvido uma boa amizade com essa família, comendo com eles e até dormindo em sua casa. Nossa amizade era um resultado direto do nosso esforço de nos comunicar, apesar de sabermos muito pouco.

► 5. *A maioria das pessoas tenta “estudar” uma língua antes de tentar conversar nessa língua. Que vantagens e desvantagens o método do autor (combinar a escola de língua com o método prático e o método LAMP) oferece em relação ao estudo formal?*

COMUNICAÇÃO COM AS CULTURAS

Quando pensamos em comunicação, temos de ter em mente que ela não se alcança apenas por meio de palavras, mas também por meio de atitudes, comportamento, gestos, movimentos corporais e expressões faciais (sorrisos, movimento com as sobrancelhas, o modo que olhamos os outros). Quando os obreiros transculturais negligenciam esses aspectos não-verbais da comunicação, eles vão, sem dúvida, criar mal-entendidos, tornando toda a comunicação mais difícil. Para superar o problema, precisamos olhar o mundo da perspectiva das pessoas daquele país, tentando compreender sua cosmovisão e seus costumes. Uma vez convidei meu amigo Mohammed para me acom-

Quando os obreiros transculturais negligenciam esses aspectos não-verbais da comunicação, eles vão, sem dúvida, criar mal-entendidos, tornando toda a comunicação mais difícil.

panhar numa viagem de negócios. Nós iríamos comprar tapetes. Quando chegamos à cidade, ele ajudou-me durante dois dias a comprar bons tapetes pelos melhores preços. Eu lhe agradei muito, mas ao voltarmos para casa senti uma tensão entre nós. Eu lhe perguntei o que estava errado, mas ele não respondeu. Após muita insistência, Mohammed disse: — É verdade que eu sou seu amigo, mas eu deixei meu trabalho e fiquei dois dias com você para que conseguisse os melhores preços. Você vai ganhar muito dinheiro com estes tapetes. E eu, o que eu vou ganhar?

Primeiro, a reação de Mohammed deixou-me chocado. Eu disse para mim mesmo: “Puxa, pensei que Mohammed fosse realmente meu amigo, e agora ele está tentando aproveitar de mim!”.

Depois de pensar sobre a situação, entretanto, cheguei à conclusão de que quem estava errado era eu. Eu estava supondo que os direitos e obrigações de um amigo em Madon eram os mesmos do meu país, onde um verdadeiro amigo jamais esperaria pagamento por seus esforços. Em Madon, embora Mohammed fosse meu amigo, eu deveria ter-lhe dado algum tipo de recompensa financeira por sua ajuda. Por causa de minha falta de conhecimento da cultura, transmiti algo que não queria e quase perdi meu melhor amigo naquele país.

Outra dificuldade para mim era o tipo de contato físico comum entre os homens. Quando um amigo se aproximava e me dava três beijos no rosto, como é costume entre os homens em Madon, eu tinha a tendência de afastar-me dele, obviamente comunicando rejeição. Noutras vezes, quando caminhando com amigos, eu colocava as mãos nos bolsos, temendo que um dos homens quisesse andar de mãos dadas comigo. Para os homens de Madon, segurar as mãos era uma expressão perfeitamente natural de amizade; para mim, um latino, isto significava algo diferente. Mais uma vez, sem falar uma palavra, eu estava comunicando coisas que tornavam mais difícil compartilhar o evangelho.

**Porque nós pensamos
que nosso modo de
vida é superior e mais
desejável,
começamos a olhar os
outros de cima para
baixo, mesmo
perdendo o respeito
dos nossos amigos
na outra cultura.**

Muitas vezes nosso etnocentrismo* cria barreiras à comunicação transcultural. Porque pensamos que nosso modo de vida é superior e mais desejável, começamos a olhar os outros de cima para baixo, mesmo perdendo o respeito dos nossos amigos na outra cultura. Nós pensamos que a maneira de eles fazerem as coisas é errada, que seus valores morais são inferiores, etc. Com esse ponto de vista, embora tentemos transmitir aceitação por meio de palavras e gestos, nossas atitudes vão mostrar justamente o contrário e impedir nossas tentativas de comunicação.

► 6. *Por que a boa comunicação implica mais do que o domínio da língua?*

ADAPTAÇÃO CONTÍNUA AO AMBIENTE CULTURAL

CHOQUE CULTURAL

De acordo com alguns especialistas, o choque cultural pode ser dividido em quatro estágios (veja Figura 12-1). O primeiro estágio é a *lua-de-mel*, durante o qual tudo é bonito e maravilhoso. O segundo é o estágio *crítico*, quando pensamos que tudo está errado. A comida é ruim, as pessoas são desonestas, e nada funciona direito. Ficamos tentados a voltar para casa. A terceira fase é o estágio da *recuperação* inicial, que começa quando começamos a falar e compreender a língua. Nós começamos a aceitar o que inicialmente consideramos ser costumes estranhos. Nosso senso de humor começa a voltar e aos poucos aprendemos a rir de nossos próprios erros. O quarto estágio é a *adaptação* plena, quando nos sentimos à vontade na nova cultura e nosso ministério começa a dar frutos.

* Etnocentrismo é a crença na superioridade de sua própria cultura sobre as outras.

Paul Hiebert explica o choque cultural.* Ele diz que quando recebemos a notícia de nossa aceitação pela agência missionária à qual nos candidatamos, nosso nível de satisfação pessoal é alto; nossos sonhos se tornaram realidade. A despedida em nossa igreja nos traz ainda mais satisfação. Somos o centro da atenção, ainda mais do que o pastor. No aeroporto ainda há mais emoções. Sentimos um misto de tristeza da partida e de entusiasmo com a nova aventura. Chegando ao outro país, continuamos inicialmente empolgados. Porém, logo descobrimos que não conseguimos nos comunicar muito bem, não sabemos andar pela cidade, temos dificuldade para gostar da comida, adoecemos facilmente, tememos consultar o médico local e, dentro de pouco tempo, queremos ir para um hotel cinco estrelas mais próximo, onde podemos escapar das “estranhas pessoas desse país e de seus estranhos costumes”. Quando chegamos a esse ponto, com certeza estamos começando a experimentar o *choque cultural*, uma desorientação que acontece quando todos os nossos mapas culturais e esboços que aprendemos quando criança não funcionam mais.

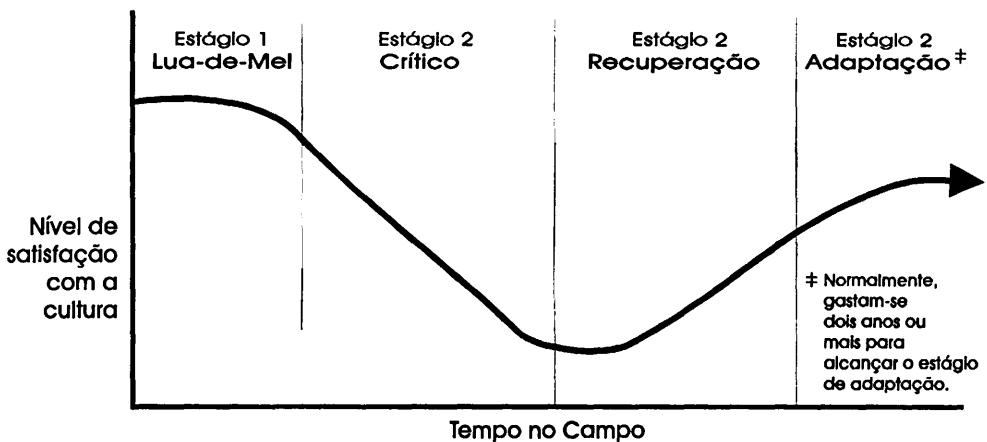


figura 12-1. Estágios do Choque Cultural

* Hiebert, P. (1985). *Anthropological insights for missionaries*.

Em Madon, nós sentimos muito o choque cultural. No início, não sabíamos como tomar um ônibus ou um táxi, não sabíamos comer, as pessoas não nos entendiam e nos sentíamos ridículos vestindo o tipo de roupa que as pessoas do local usavam. Logo nosso mundo começou a ruir. Aos olhos das pessoas daquele lugar, nós agíamos como crianças que sabiam muito pouco.

Um dia eu escrevi em meu diário:

Hoje é aniversário de nosso filho. Mesmo assim, não foi um bom dia para mim. As aulas de árabe foram um problema, mas isto não foi tudo. Eu adoraria estar num lugar onde eu não tivesse de falar com ninguém e pudesse fazer apenas o que eu quero. Agora entendo o que todos nos falavam sobre choque cultural. É doloroso romper hábitos, aprender uma nova língua e, ao mesmo tempo, relacionar-se com pessoas tão diferentes de nós. É por isso que tenho a impressão de que se eu não tivesse de fazer isso desde o início, seria muito mais difícil depois. Também, como família estamos tendo de nos ajustar, complicando nosso próprio relacionamento uns com os outros. Mesmo assim, creio que esta é uma experiência única em nossa vida e que estamos fazendo a coisa certa ao conhecer a cultura para a qual o Senhor nos enviou.

► 7. *O que é choque cultural e em que estágio de adaptação é mais provável que ele ocorra?*

Ao confrontar-se com tantas coisas novas de uma vez, os novos missionários descobrem que suas novas atitudes começam a mudar. Eles se tornam impacientes e críticos e mais vulneráveis a doenças. Apesar dessas dificuldades, é muito importante não desistir deste estágio.

O primeiro passo na direção certa é reconhecer que o choque cultural existe, que é natural e que não é um sinal de falta de espiritualidade. Com perseverança, os novos missionários vão descobrir que o choque, afinal, vai passar!

É importante ter atitudes corretas e disposição de resistir à tentação de escapar das situações que criam temor ou embaraço. Precisamos encarar as situações ameaçadoras.

Nos momentos mais difíceis, devemos poder contar com o apoio de obreiros mais experientes. Contudo, nunca devemos usar esses relacionamentos como meio de fuga, escondendo-nos nas casas uns dos outros e evitando contato com as pessoas do local e com a cultura. Essa retirada jamais nos levará além do estágio crítico do choque cultural, e será quase impossível um ministério eficiente.

O primeiro passo na direção certa é reconhecer que o choque cultural existe, que é natural e que não é um sinal de falta de espiritualidade.

► 8. *O que tornou possível ao autor continuar lidando com a dor e com o desconforto da adaptação cultural?*

Se, por outro lado, tomarmos o cuidado de manter contato com as pessoas do local, participar de suas festas e aprender sua língua, pouco a pouco começaremos a nos sentir confortáveis na nova cultura e vamos conseguir agir com eficiência e sem ansiedade. Não apenas vamos aceitar a comida e os costumes locais, mas vamos passar a gostar deles. Nossa necessidade de amizade e companheirismo vai começar a encontrar satisfação nas pessoas daquele lugar e não apenas em nossos amigos compatriotas. Vamos continuar amando nosso país, mas vamos amar também, cada vez mais, nosso novo país e nossos novos amigos, ao ponto de sentirmos saudades deles quando voltamos para casa. Em outras palavras, vamos nos tornar biculturais — *pertencentes* a duas culturas.

► 9. *Que perigos há quando os fazedores-de-tendas procuram satisfazer a necessidade de amizades e de relacionamentos, primeiramente, com outros estrangeiros?*

► RESUMO

O método que os fazedores-de-tendas usam para se adaptar a uma situação estranha tem um grande efeito sobre o sucesso de sua integração àquela cultura. Ao mesmo tempo em que é fácil para os novos obreiros se isolarem da nova cultura, somente quando eles tentam se identificar com a nova cultura é que pode haver vínculo. A imersão total em uma nova cultura é um método difícil e geralmente inseguro de adaptação. Não obstante, aqueles que suportam este processo de aculturação adquirem o respeito das pessoas que os recebem e, a longo prazo, isso prepara o caminho para um ministério eficaz naquela cultura. Uma parte importante da identificação com a nova cultura é os fazedores-de-tendas ajustarem sua posição social à posição social daqueles com quem eles estão-se identificando.

Um dos maiores desafios à eficiência é aprender bem a língua de seu povo-alvo. Além de se matricular numa escola de línguas, aqueles que empregam a abordagem de imersão para aculturação vão praticar continuamente o que aprendem. Este método vai resultar em aceitação pelas pessoas, e os relacionamentos serão edificados. Contudo, a comunicação não se resume apenas a palavras. Gestos, linguagem corporal e expectativas culturais são todos fatores importantes. Uma das maiores barreiras à comunicação verdadeira é o etnocentrismo, o sentimento de que as maneiras de fazer e de ser de uma pessoa são superiores às da cultura anfitriã.

A adaptação cultural abrange vários estágios. Os fazedores-de-tendas podem passar por um estágio inicial de *lua-de-mel*. Em seguida, surge um sentimento de desorientação durante o estágio *crítico*. A partir desse ponto mais baixo, os obreiros começam a entrar num estágio

de *recuperação*. Finalmente, alcançam o estágio da *adaptação*. A maioria dos obreiros de longo prazo passa pelo choque cultural. Leva muito tempo para minimizar os efeitos da difícil transição de identificar-se com as pessoas da outra cultura e unir-se a elas com eficácia. Uma vez feita a transição, os fazedores-de-tendas terão concluído com sucesso a adaptação cultural, tornando-se pessoas verdadeiramente biculturais.

► TAREFA DO PLANO DE AÇÃO

- *Baseado no que você leu, descreva qual a melhor situação para o seu ingresso numa nova cultura (e, se aplicável, para seu cônjuge e família). Pense nas implicações de suas escolhas. Essa descrição pode vir a ser um assunto específico para à medida que você se dirige para o exterior.*

- *Para a comunicação eficaz em outra cultura, não há nada mais importante que aprender a língua. O idioma não apenas lhe dá um meio de conversa, mas também demonstra às pessoas que o receberam que você tem verdadeiro interesse por elas, e isso abre a porta para relacionamentos. O estudo da língua pode ser empreendido formal ou informalmente. Em muitos países do mundo, é bom conhecer mais de uma língua. Por exemplo, no norte da África, o francês é amplamente utilizado em questões legais e governamentais, mas o árabe coloquial é mais usado no meio comercial. O árabe clássico é usado para a leitura e a escrita. A população nômade, contudo, prefere usar sua própria língua uns com os outros. Identifique a linguagem comercial ou oficial da região que você escolheu. Pense no que você precisa fazer para se tornar competente naquela língua. Se possível, comece a estudar a língua.*

- *A maioria das pessoas experimenta um grau leve de choque cultural quando se muda de um lugar para outro em seu próprio país! A perda de amigos e um senso de desorientação podem produzir depressão, irritabilidade e outros sintomas do choque cultural. Reexamine os quatro estágios do choque cultural descritos. Para cada estágio, escolha um ou mais versículos ou passagens bíblicas que possam ajudá-lo a adquirir uma perspectiva correta quando passar por essa transição difícil. Decore esses versículos.*

CONCLUSÃO

Eu tenho uma idéia de aonde a peregrinação através deste curso o levou... eu também tenho uma idéia de aonde ela vai continuar a levá-lo. Quando olho atentamente o mapa mundi na parede de meu escritório, vejo o contorno de 195 nações políticas de nosso mundo. Por trás dessa imagem estão cinco bilhões e meio de pessoas.

Como líder de missões, não posso ajudar senão traduzindo aqueles números em centenas de milhões de homens, mulheres e crianças em 6000 grupos de pessoas não-alcançadas atualmente identificados. Mais de 4500 desses grupos não possuem as *Escrituras* em sua própria língua. Muitos estão em países que não permitem o acesso aos missionários tradicionais. O quadro seria desolador se não fosse você, porque você tem a chave para alcançar estas multidões.

Vocês são chamados fazedores-de-tendas. São chamados para esta vida pelo Deus missionário soberano, porque vocês têm um conceito santo de vocação. Vocês estão comprometidos a viver nos locais de trabalho de nosso país de acesso criativo, destacando-se em seu trabalho. Vocês são os embaixadores de Cristo aos perdidos.

Você não está só. Você é um trabalhador filipino contratado para servir na sensível Península Árabe; um médico especialista coreano servindo na China; um engenheiro guatemalteco cavando poços no norte da África; uma empresária na Ásia Central; um engenheiro sanitarista europeu no Oriente Médio; um consultor de petróleo nigeriano no norte da África. Vocês são muitas faces — vermelhas, amarelas, negras, mulatas e brancas — servos de Cristo de todos os continentes para todos os continentes.

Você estudou a matéria deste manual e compreendeu que para ser um fazedor-de-tendas bem-sucedido é necessário esforço. As Tarefas do Plano de Ação proporcionam-lhe uma idéia adequada do que vai lhe custar chegar ao seu alvo. Siga o mapa. Deus o deu a você para conduzi-lo ao lugar para onde ele o está chamando.

Seja corajoso! Há milhares de crentes que compartilham de sua visão e milhares de outros que estão servindo ativamente como fazedores-de-tendas amáveis, habilidosos e discipuladores para Deus.

Seja sério! Isto não é um jogo. Você tem um longo caminho a seguir enquanto desenvolve e alcança seus alvos. Seja um ávido leitor e um estudante motivado. Reúna outros recursos e cresça em todas as áreas de sua vida.

Seja responsável! Cultive um relacionamento com um mentor a quem você possa prestar contas e que possa orientá-lo num plano de desenvolvimento atual. Faça parte de um pequeno grupo de homens e mulheres com o mesmo sonho — mesmo que você tenha de ajudar a iniciar um grupo. Reúna-se regularmente com seu mentor e com o grupo de apoio para oração, avaliação, encorajamento mútuo e preparação.

Mãos à obra! Confie que Deus irá confirmar seus planos e dirigir seus passos.

Enquanto olho o mapa na parede, vejo você com os olhos da fé e me regozijo no que Deus tem feito e no que irá fazer. Nós estaremos reunidos na grande celebração ao redor do grande trono e juntos vamos adorar o Cordeiro. Estaremos ali porque conhecemos a Cristo e outros também vão adorar o nosso Deus, porque, por seu intermédio, eles chegaram ao conhecimento redentor do único Salvador, Jesus Cristo nosso Senhor.

William D. Taylor
Diretor Executivo
WEF, Comissão de Missões

Impressão e Acabamento na Gráfica da
Associação Religiosa Imprensa da Fé
São Paulo - SP